

AUTORES LIVROS

Junho de 1950
Ano XI

Diretor e redator: MUNICIO LEAO
Gerente: LEONARDO MARQUES
Secretário: SERGIO R. VELLOZO
P R E C O : — Cr\$ 3,00

Volume XI
Nº 6

Notícia sobre alguns escritores seiscentistas

Nota a este número de Autores e Livros

Fizemos chegando ao fim do século XVI e é momento de recensearmos os autores menores daquele fute. Infelizmente no número de hoje as biografias de vinte figura que a elas se apresentam. As biografias abundam, porém, e dificilmente, em nossas condições atuais, fornecem, como desejarmos, e sempre fazemos, no lado das notícias bibliográficas, um ou outro exerto de texto extrato.

Fizemos ainda fora de *Autores e Livros* autores escritores do século XVII. Um número futuro, da mesma natureza ou salvo que hoje sal, procuraremos trazê-los, entre outros, vindos do trinta dezoito — e isso nos permitirá dizer, então, que o século XVII fica todo encerrado pelos menos em seus valores mais desenhados, em nossas páginas.

Frei Paulo de Trípolide

Frei Paulo de Trípolide nasceu em Mariana, capitânia do Rio de Janeiro, pelos meados do século XVI. (Há quem tire a data de seu nascimento em 1571). Foi missionário na missão de São Joaquim, visirio geral. Dedicou-se à catequese de africanos e predefiniu na Igreja capital celestino em Goa em 25 de Janeiro de 1654.

Escriviu:

— *Companhia Espiritual do Oriente*, 2 vols.

— *Tratado de Teologia Moral*.

— *Tratado de Teologia Moral*.

Pontes:

— Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*, 1 vol.

— Júlio Barbosa — *Literatura Brasileira*, pag. 104.

Manuel de Moraes

Manuel de Moraes nasceu em São Paulo, em 4 de dezembro de 1586, e era filho de Francisco Velho e D. Ana de Moraes.

Em 1601 era menorista na Bahia e em 1602 ou 23, acompanhando o provimento do Brasil em uma visita à Pernambuco.

Era ali superior de uma aldeia de índios, quando, em 1620, se verificou a invasão holandesa. Diante

desta eventualidade se ladeou com o rei de Felipe II, se houve com a cura sob as ordens de Matias de Aragona. Feito prisioneiro, condenado entre os vencedores, e acusado de enviado para a Holanda.

Diante definitivamente os costumes holandeses, e casou-se com Margarida Gómez, passando a viver a costa

Guianambi das Indias Ocidentais.

Quatro anos depois de se ter casado, tendo o matrimônio um filho chamado Franco, mandou a criança para a companhia do sogro, fixou-se na Leyde, e casou-se com Adriana de Leite, de quem houve duas filhas.

Em 1645, saudoso do Brasil, deixou a Holanda, e para aquí embarcou em uma

expedição de socorro da Companhia das Indias. Fixou-se em Pernambuco, estabeleceu-se dos holandeses e autorizou 2500 cruzados para explorar o Brasil. Invadiu-o, e conseguiu a liberdade. Mas foi informado de que em corrupção e milhares de suas relações, no qual ele formou condecorado herói herói, apóstolos e revel, e rebatido em estatuto no Terreiro do Paço.

Sobrevindo a luta contra os holandeses, nela tomou parte, estando presente na batalha do Monte das Tabocas. Foi, porém, preso por ordem de Martim Soares Moreno, entregue ao provedor de Pernambuco e remetido para Lisboa. Submetido a longo processo, no qual ele formou condecorado herói herói, apóstolos e revel, e rebatido em estatuto no Terreiro do Paço.

Sobrevindo a luta contra os holandeses, nela tomou parte, estando presente na batalha do Monte das Tabocas. Foi, porém, preso por ordem de Martim Soares Moreno, entregue ao provedor de Pernambuco e remetido para Lisboa. Submetido a longo processo, recebeu a indulgência de Santo Ofício em 11 de Janeiro de 1649. Aíl, foi-lhe permitido sair de Lisboa para qualquer parte do reino.

Perdeu-se a sua história, ignorando os seus biógrafos seu destino ultimamente. Sabe-se que faleceu em Lisboa em 1651.

Sacramento Blake declara conhecer mais dois Manuels de Moraes, ambos padres: um que, em 1586, escreveu sobre as Indias Pernambucano no tempo do domínio holandês. Justamente quando o autor de *Prognostico* e respondeu que achava em Amsterdam, mas não na Pernambuco o Santo Ofício.

Escriviu:

— *Prognostico e resposta a uma pergunta de um caboclo muito ilustre sobre as costas de Portugal — In 4° — Leiden — 1641.*

— *Memórias Históricas sobre Portugal — História da América*, permaneceu inédita. Sabe-se de sua existência por uma referência de João de Laet que declarou ter usado subídios dela em seu *Nova Orbis*.

— *O ecclésiastico nominum et verbis lingua lingua brasiliensis maxime communis*. Foi reproduzido por Maccrave em sua *História rerum naturalis Brasile*, com o título de:

— *Vocabularium linguae Brasiliensis*, autor Emmanuel de Moraes, lingua portuguesa. Em tupi e latim. A obra de Maccrave teve duas edições — Particularidades da fidelidade e — em 1648 e 1658.

— *Cartas de Manuel de Moraes, traduzidas em italiano, dñi. de Rainha Galvão — Cat. da Exposição da História do Brasil*, n.º 9.114.

— *Resposta aos holandeses*. (Idem, N. 10.749).

— *Resposta que deu o licenciado Manuel de Moraes a disserem os holandeses que a paz era a todos útil mas a Portugal necessária, quando por parte deste reino se lhe propôs uma proposta para a paz*. E' uma das suas cartas, pertencente ao arquivo do Instituto Histórico Brasileiro. Figurou em 1881, na Exposição da História do Brasil.

— *Manuel de... sucessor e teólogo, natural da ilha de S. Peçô, Estado do Brasil, residente que foi nas artas do Norte, preso auxiliando os corsários de Lisboa (1647)*. — Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, LXX.

Manuel de Macedo

Manuel de Macedo nasceu em Olinda, em 1603 e era filho do Desembargador Coimbra Rangui e de D. Joana Cavalcanti. Fez os estudos no Convento de São Domingos de Lisboa, onde professor. Recebeu ordens de presbitero e foi graduado em Teologia. Foi Capelão e pregador da Igreja de Mantua D. Margarida de Áustria. Acusado de manter estritas relações com altos personagens espanhóis durante a ocupação de Portugal, sofreu grandes perseguições quando esse país se viu livre do jugo de Castela. Foi então exilado para as Indias. Reconhecido inocente, voltava das Indias para Portugal, quando nos mares de Angola naufragou e faleceu, no ano de 1645.

Escriviu:

— *Declarando sobre um donativo em favor feito pelo Colégio do Rio de Janeiro para os monges de S. Bento da mesma cidade que confraternizaram a sua ordem*, Bahia, 17 de novembro de 1683.

— *Processo justificativo do P. Sidneio de Vancorcos, na questão de Magistris*.

— *Carta ao P. Geral Oliva, da Bahia*, 12 de abril de 1688.

— *Carta ao P. Geral Nogelle*, da Bahia, 20 de julho de 1682.

— *Carta ao P. Geral Nogelle*, do Rio de Janeiro, 1 de maio de 1685.

— *Da Passional Domina Myrrha*.

É um volume de elegias, e vem na Biblioteca Lusitana, de Barbosa Machado, registrada com o título: *Passeio Sacerdotal Nostri Jesu Christi*.

(Sobre este autor veja Serafim Lobo, *História da Companhia de Jesus*, Vol. VIII, pag. 80).

Inocêncio dá sobre esse autor apenas esta informação: "Capuchinho da província de Santo Antônio e guardião do colégio de Santo Antônio da Pedreira, de Coimbra".

Bibliografia:

— *Sermões das Chagas de Cristo*, pregado no Mosteiro de Lorvão, em 23 de outubro de 1661. — In 4°, de 15 páginas. — Coimbra — 1662. Teve reimpressão em Coimbra, 1671.

— Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*, 1º vol.

— Inocêncio da Silva — *Dicionário*, vol. 17º, pag. 158.

— Sacramento Blake — *Dicionário*, vol. 5º, pag. 368.

Pedro de Moraes Madureira

Pedro de Moraes Madureira nasceu em São Paulo, em 1610, e era filho de Pedro de Moraes Dantas e neto de Baltasar de Moraes de Antas.

Estudou em Portugal, e, voltando ao Brasil, foi Juiz ordinário de São Paulo. Em 1638 tomou parte na conquista de Guaria. Distinguiu-se em duas expedições de socorro a Santos contra os ataques dos flamengos. Faleceu em ano ignorado, depois de 1644.

A ele tem sido atribuída a autoria de um manuscrito sobre a expulsão dos jesuítas de São Paulo, no ano de 1610. Mas Afonso de Taunay demonstrou a impossibilidade dessa autoria. Esse mesmo historiador admite a hipótese de ter sido Madureira o autor da *Relação dos Agrestes*.

Domingos Barbosa

Nascido em cidade da Bahia, cerca de 1624. Estudou para a Companhia de Jesus, já Mestre em Artes em 27 de outubro de 1645. Foi professor de Humanidades e de Teologia, secretário do Consulado e do Provincial. Procurador a Roma, Mestre de Noviciado. Rector dos Colégios de Olinda e do Rio de Janeiro. A 15 de Agosto de 1682, fez a profissão solene na Bahia tendo sido recebido pelo padre José da Costa. Faleceu no Rio de Janeiro em 23 de novembro de 1688.

Escriviu:

— *Declarando sobre um donativo em favor feito pelo Colégio do Rio de Janeiro para os monges de S. Bento da mesma cidade que confraternizaram a sua ordem*, Bahia, 17 de novembro de 1683.

— *Processo justificativo do P. Sidneio de Vancorcos, na questão de Magistris*.

— *Carta ao P. Geral Oliva, da Bahia*, 12 de abril de 1688.

— *Carta ao P. Geral Nogelle*, da Bahia, 20 de julho de 1682.

— *Carta ao P. Geral Nogelle*, do Rio de Janeiro, 1 de maio de 1685.

— *Da Passional Domina Myrrha*.

É um volume de elegias, e vem na Biblioteca Lusitana, de Barbosa Machado, registrada com o título: *Passeio Sacerdotal Nostri Jesu Christi*.

(Sobre este autor veja Serafim Lobo, *História da Companhia de Jesus*, Vol. VIII, pag. 80).

Francisco de Souza

Francisco de Souza é dito como tendo nascido em 1628, em 1630 e em 1638. É dito também como tendo nascido em Itaparica e como tendo nascido na Bahia.

Indo em 1647 para Portugal, lavado pelo Jesuítas, partiu para Goa, e lá ficou, muito tempo, e noviciado da Companhia. Faz todos os estudos e recebeu as sagradas ordens do presbitero.

Dezenas vezes foi a Lisboa, e na Capital portuguesa foi parco da Igreja de S. Bento de Salsete. Regressando à India, foi eleito deputado do Tribunal do Santo Ofício, retribuído junto com grandes serviços que já havia prestado. Tomou assento naquele tribunal em 9 de agosto de 1660. Faleceu em Goa, em 1673.



Barbosa Machado, o autor da Biblioteca Lusitana. Foi o criador dos estudos bio-bibliográficos em Portugal e é nele que se encontram as primeiras notícias relativas aos escritores brasileiros

SUMÁRIO

- Páginas 57 e 58:
— Notícia sobre Gilka Machado;
— Saudades;
— Dentro do Noite;
— Olhos perdidos;
— Espírito;
— Amor;
— Lixo;
— Temporal;
— Voluptá;
— Impresos do fogo;
— No canário;
— Impresos do gesto;
— Samba.
- Página 54:
— Carta a Augusto Linhares, de Sérgio Velloso.
— Ressentidíssimo, aneto autógrafo de Gilka Machado.
- Páginas 55, 60 e 61:
— A Vida dos Livros — Livros recém-publicados.
- Página 57:
— O Corro, de Poe — XIII — Tradução de Adelmo de Lacerda.
— Um símbolo de Pernambuco, de Mário Túlio.
- Páginas 58 e 61:
— Academia Literária — Contribuição para a história da que se fundaram no Brasil antes da Independência de Rubens Falcao.
- Página 62 e 63:
— Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea — Primeira Série — Antologia de Poesia — XXXVIII — Gilka Machado.

Bibliografia:

- 1 — *Orante conquistado a Jesus*, Cristo Padre da Companhia de Jesus, na província de Goa: *Primeria parte*, no qual se contém os primeiros vinte e dois anos desta província. Deslindes, 1716, fol. de XXXIV — 885 págs.

- Segunda parte. Na qual se contém o que se obrou desde o ano de 1664 até o de 1685. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Terceira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 1685 até o ano de 1700. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quarta parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 1700 até o ano de 1720. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinta parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 1720 até o ano de 1740. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Sexta parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 1740 até o ano de 1760. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Sétima parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 1760 até o ano de 1780. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Oitava parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 1780 até o ano de 1800. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Nonava parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 1800 até o ano de 1820. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Decimava parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 1820 até o ano de 1840. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Undécima parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 1840 até o ano de 1860. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Duodécima parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 1860 até o ano de 1880. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Trezeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 1880 até o ano de 1900. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 1900 até o ano de 1920. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 1920 até o ano de 1940. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 1940 até o ano de 1960. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 1960 até o ano de 1980. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 1980 até o ano de 2000. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2000 até o ano de 2020. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2020 até o ano de 2040. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2040 até o ano de 2060. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2060 até o ano de 2080. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2080 até o ano de 2100. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2100 até o ano de 2120. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2120 até o ano de 2140. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2140 até o ano de 2160. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2160 até o ano de 2180. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2180 até o ano de 2200. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2200 até o ano de 2220. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2220 até o ano de 2240. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2240 até o ano de 2260. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2260 até o ano de 2280. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2280 até o ano de 2300. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2300 até o ano de 2320. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2320 até o ano de 2340. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2340 até o ano de 2360. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2360 até o ano de 2380. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2380 até o ano de 2400. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2400 até o ano de 2420. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2420 até o ano de 2440. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2440 até o ano de 2460. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2460 até o ano de 2480. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2480 até o ano de 2500. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2500 até o ano de 2520. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2520 até o ano de 2540. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2540 até o ano de 2560. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2560 até o ano de 2580. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2580 até o ano de 2600. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

- Quinzeira parte. Na qual se contam os que se obrou desde o ano de 2600 até o ano de 2620. IBI, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 230 págs.

Notícia sobre alguns escritores seiscentistas

Vindo para o Brasil, fixou-se na Bahia, onde pregou numerosas sermões. Faleceu naquela cidade, em 9 de agosto de 1708.

Escriviu:

— *Sermão de Santa Teresa*, na Bahia — 1697 — In 4º — Lisboa — 1699.

— *Sermão de S. Bento* — In 4º — Lisboa — 1700.

— *Sermão do Santíssimo Sacramento*, na Sé da Bahia — In 4º — Lisboa — 1700.

— *Três sermones paupérgicos de Santo Agostinho*, no convento da Bahia — In 4º — Lisboa — 1700.

— *Sermão de S. Pedro Martir* — In 4º — Lisboa — 1700.

Salvador da Mesquita

Salvador da Mesquita nasceu no Rio de Janeiro em 1646, e era filho de Gaspar Dias da Mesquita e irmão do escritor Martinho da Mesquita.

Cursou o Seminário de Roma e recebeu ordens sacras. Era poeta. Exerceu função de professor das ciências, para quem havia de dedicar sua língua, as flores de literatura que recebia. Como seu tio, Martinho, foi grande amigo do Padre Vicira.

Deixou a seguinte obra:

— *Lobos quinqüagintos Christi Scientiorum excepti* — libro R. P. F. Thomé de Jesus, eremita augustiniano ad latram traducti — Roma — 1685.

— *Sermones de Iephim Sacrum drama* — Roma — 1682.

Blake, citado Barbosa Machado, diz que Salvador da Mesquita tinha a imprimir muitas poesias em latim, e nenhuma as tragedias seguintes:

— *Egestas et Clytemnestra*, sive seculorum sepulcrum.

— *Demetria sive perdidit tristaphone*.

— *Persica sive innocencia vindicta*.

— *Pratas Bethyn*.

Francisco Ramos

Francisco Ramos nasceu na cidade da Bahia, em 1650, e era filho de Manuel Ramos Parente e de D. Andreia Cavada Ramos. Era irmão do Padre Domingos Ramos, também escritor.

Fez-se carmelita, e recebeu o escrivariado no Convento da Bahia, em 17 de julho de 1672. Em 1685 foi a Lisboa, por motivo de negócios de família. Foi depois a Roma, tomar parte no capítulo celebrado no Convento de Santa Maria Transmontana (27 de maio de 1692). Exerceu o cargo de visitador e reformador geral dos Conventos do Pernambuco. Em 1703 esteve e em Roma, como Procurador Geral da sua Província. No capítulo celebrado em 1704, obteve os privilégios de ex-vigário provincial e defensor perpetuo. Foi Secretário da Província e Prior do Convento de Lisboa. Faleceu naquela cidade, em 18 de novembro de 1731.

Escriviu:

— *Ramos euangelicos* — Divididos em sermones paupérgicos e doutorais em várias celebrações — 4 tomos in 4º — Lisboa — 1724, 1728, 1727 e 1731. O 2º tomo só contém sermones quaresmais.

Gaspal Ribeiro Pereira

Gaspal Ribeiro Pereira nasceu no Rio de Janeiro em 1655. Graduou-se mestre em artes no Colégio dos Jesuítas e seguiu o estudo clerical. Foi um dos primeiros conegos da Sé Fluminense. Esteve em Minas com facultades episcopais, que lhe foram delegadas pelo bispo D. Francisco de S. Jerônimo. Deixou a morte de D. Francisco até à posse de Frei Antônio de Guadalupe. Ficou em regendo o bispado.

Blake elegia a sua caridade, e refere que Monsenhor Pizarro viu e elogiou a sua obra a que abalhou nos referimos.

Escriviu:

— *Memorias históricas océreas do Brasil*. Nunca foram publicadas e nem se sabe onde param. — Sermões variados, 2 tomos, in 4º.

— *Tratado práctico das matérias hereditárias*, in 4º.

— *Arte do memoriar ilustrada*, in 4º.

— *Tractatus do Præceptis Deglorides*, in 4º.

— *Prática Judicial com o Formulário do Provisor e Vigário Geral*, Ms. In-fol.

— *Conclaves amoroços*, Ms.

— A competência em triunfo. Comédia.

José Borges de Barros

José Borges de Barros nasceu na cidade da Bahia a 18 de Março de 1657, e era filho do capitão João Borges de Macedo e D. Maria de Barros. Pretendeu a princípio entrar para a Companhia de Jesus e na Bahia fez os estudos necessários para isto.

Como seu estudo de sacerdote não lhe permitiu submeter-se às imposições da Ordem, deliberou ir estudar em Coimbra. Ali recebeu o grau de Mestre em Artes e o de bacharel em Ciências. Vai para a Bahia, e ali serviu como mestre escola da Catedral, desembargador da Relação Eclesiástica, Vigário Geral e Juiz das Residências.

Voltou a Portugal, e no bispoado de Coimbra ocupou os lugares de Provisor e Vigário Geral, e o Prior do Santa Maria de Azvedo e de S. João de Almeida, e o arcediago de Cea, o de Conego da Catedral de Evora. Foi professor de Filosofia e de Teologia e era excelente pregador.

O que nele impressionava, sobretudo, era a pesada memória. Bastava-lhe ouvir um sermão uma vez, já o retinha todo de cor. Era capaz de recitar mil versículos que ouvia, quer na ordem canônica, em que era ouvira, quer na ordem extra-canônica. As vezes manejava na mesma ocasião duas peças, uma em cada mão, escrevendo coisas diferentes.

Faleceu na Vila de Entreiras, Portugal, em 10 de março de 1719.

Gençeto Ravasco Cavalcanti de

Albuquerque

Gençeto Ravasco Cavalcanti de Albuquerque nasceu na Bahia, em 1659, e era filho de Bernardo Vieira Ravasco e D. Filipa Cavalcanti de Albuquerque, sobrinha do Padre Antônio Vieira. Foi Secretário de Estado do Brasil, lugar antes ocupado por seu pai. Foi Alcaide-mor de Cabo Frio. Tinha a comenda da Ordem de Cristo e era fidalgo da Casa Real. Faleceu na Bahia, a 9 de outubro de 1725.

Escriviu:

— *António do Piaçuda*

António do Piaçuda nasceu na Província da Bahia, em 1652.

Foi Capelão da Ordem das Carmelitas Descalças, tendo profissionado no convento da Bahia, no qual chegou a ser Prior. Também foi Prior do convento de Fará, Nossa Província, exercendo os cargos de Governador, Provisor e Vigário Geral do Bispoado. No Maranhão foi Provincial da Ordem.

Faleceu na vila, depois cidade, da Cachoeira, em 1724.

A propósito desse autor, Blake faz a seguinte interessante observação:

Houve diversos frades, escritores, com o nome de Frei Antônio do Piaçuda, que publicaram obras; mas nenhum brasileiro. Sô Bento Farinha faz menção de seis. Além destes, houve um franciscano, natural do Rio de Janeiro, nascido pelo mesmo tempo em que nasceu o carmelita, o qual deve-se com arder excessivo a catequeses dos indios".

Escriviu:

— *Sermão de Santa Teress* pregado no convento dos religiosos carmelitas encarcerados da Bahia em o 3º dia da festa que os religiosos fizeram, etc. — Lisboa — 1703.

— *Sermões das exortações de Sereina Ribeira D. Mar. Sofia Isabel*, pregado na vila de Aíso Amaro das Grotas, no Rio de Janeiro — Lisboa — 1703.

Manuel da Madre de Deus Bulhões

Manuel da Madre de Deus Bulhões nasceu na Bahia a 6 de novembro de 1663, e era filho do capitão Manuel da Costa Campos e D. Maria de Bulhões.

Foi alferes de infantaria e depois professor como carmelita; Mestre em Artes, doutor em Teologia, examinador sinal do Arcebispado da Bahia, leite de Teologia Sagrada. Teve o cargo de definidor geral de seu Ordenado, da qual foi também representante em Roma, no capítulo de 1695. Era cavaleiro da Casa Real. Faleceu em 1739.

Escriviu:

— *Sermão faustoso* nas exortações de Roque da Costa Barreto, governador que foi do Brasil, por Manuel Lopes Ferreira — esp. 4, 22 pag.

— *Sermão da Soledade de N. S.* pregado na Sé da Bahia a 25-3-1701. Lisboa, por Bernardo da Costa Carvalho — 1702 — in 4º.

— *Sermão da Soledade* pregado na catedral da Bahia — em 13-4-1702. Lisboa por Antônio Pedroso Gaião — 1702.

— *Sermão da Soledade* pregado na Sé da Bahia no dia de 1703 — Lisboa, idem — 1703 — 4º.

— *Sermão de N. S. da Ajuda* — pregado na sua igreja, na Bahia, idem, idem — 1704 — 4º.

— *Sermão em grego de gregos* pela saude do el-rei D. Pedro II, pregado na sé da Bahia — idem, idem, idem — 4º, 22 págs.

— *Sermão do primeiro Synodo discenso* que se celebrou no Brasil por D. Sebastião Monteiro, arcebispo da Bahia, a 12-6-1707. — Lisboa, por Miguel Senescal — 1709 — 4º.

— *Sermão da Soledade de Maria Santíssima*, na igreja do hospital real de Lisboa, no ano de 1729. — Lisboa — 1733 — in 4º.

— *Sermão paupérgico* em a festa do patrocínio do patriarca S. José celebrado na igreja São José de Riba-

mar, em 17-6-1733 — Lisboa, 1733 — in 4º.

— *Oração fúnebre* nas solenidades exequias de Carlos VI, celebradas pela nação germânica, no convento de S. Vicente de Fora, em 9-3-1741 — Lisboa, 1742 in 4º.

— *Sermão do príncipe dos Apóstolos S. Pedro* — na abertura do seu novo templo na cidade da Bahia — Id. id. 1717 — in 4º.

— *Sermão na festividade de N. S. de Berço* — Lisboa, por Manuel Fernandes da Costa — 1723 — in 4º.

— *Oração conciliadora*, nas exequias de D. Mariana de Almeida, filha do Sr. Vasco Fernandes Cesar da Menezes, Condé do Sabugosa e capitão-general da Baía do Brasil — Lisboa, Pedro Ferreira — 1729 — in 4º.

— *Sermões vários*, em várias solemnidades de Maria Santíssima, Mãe de Deus e Senhora nossa, pregados na cidade da Bahia, Lisboa, Occidental, 1737 — por Mel. Fernandes da Costa, tome I 427 págs. in 4º.

— *Sermões vários oferecidos a D. José Firmino, bispo de Pernambuco*, Lisboa, Occidental, tomo II — 1739 — 388 págs. in 4º.

José Almeida de Fonseca

José Almeida de Fonseca nasceu na Bahia a 8 de setembro de 1676, e era filho de Rafael Soares de França. D. Ana Catarina de Sousa Barbalho, Pro-Mestre em Artes pelo Colégio dos Jesuítas da sua cidade natal. Iniciou a carreira das armas e chegou a embaixador, D. Lourenço, porem, a 8 de outubro de 1718, recebeu ordem de presbitério.

Escriviu:

— *Sermão da glória Sant'Anna*, na festa que consagraram os padres-moderes da catedral da cidade da Bahia — Lisboa, 1733, in 4º.

— *Pragmatismo literario e tesouro de erudição sagrada e humana para enriquecer o ânimo de prendas, e a alma de virtudes*. Tomo Iº, que contém 72 discursos morais e políticos, acadêmicos, doutrinais, ascéticos e predicativos, dispostos pelas lettras da alfabeto, ate C. Lisboa — 1731, in. fol.

O autor pretendia publicar mais 4 vol. da obra, e que não realizou por motivo de maléfica e morte subseqüente.

— *Soneiros* (quatro em castellano), lamentando o falecimento do rei D. Pedro II. Acham-se no "Breve compêndio e narrado do falecimento específico que na lugrante cidade da Bahia se viu na morte del-rei D. Pedro II". — Lisboa — 1764.

— *Oratio academica* que na Academia dos Esquadros disse Jodo Almeida Soares, sendo a primeira vez que se achava em sua conferência, etc. Knobell — no 2º livro das conferências e tem a data de 12 de Outubro de 1724.

Francisco Xavier de Santa Torcaz

Frei Francisco Xavier de Santa Torcaz nasceu na cidade da Bahia, em 12 de março de 1688, e era filho de Pascoal Luiz Braga e de D. Teresa Viegas de Azevedo.

Professou como franciscano no convento de S. Francisco da Cidade, fez o curso de Teologia. Passou para a Ilha da Madeira, e finalmente em Lisboa recebeu ordem de presbitério.

Obteve a patente de reitor da Faculdade de Teologia Sagrada. Teve o cargo de definidor geral de seu Ordenado, da qual foi também representante em Roma, no capítulo de 1695. Era cavaleiro da Casa Real. Faleceu em 1739.

Escriviu:

— *Sermão faustoso* nas exortações de Roque da Costa Barreto, governador que foi do Brasil, por Manuel Lopes Ferreira — esp. 4, 22 pag.

— *Sermão da Soledade de N. S.* pregado na Sé da Bahia a 25-3-1701. Lisboa, por Bernardo da Costa Carvalho — 1702 — in 4º.

— *Sermão da Soledade* pregado na catedral da Bahia — em 13-4-1702. Lisboa por Antônio Pedroso Gaião — 1702.

— *Sermão da Soledade* pregado na Sé da Bahia no dia de 1703 — Lisboa, idem — 1703 — 4º.

— *Sermão em grego de gregos* pela saúde do el-rei D. Pedro II, pregado na Sé da Bahia — idem, idem, idem — 1704 — 4º.

— *Sermão do primeiro Synodo discenso* que se celebrou no Brasil por D. Sebastião Monteiro, arcebispo da Bahia, a 12-6-1707. — Lisboa, por Miguel Senescal — 1709 — 4º.

— *Sermão da Soledade de Maria Santíssima*, na igreja do hospital real de Lisboa, no ano de 1729. — Lisboa — 1733 — in 4º.

— *Sermão paupérgico* em a festa do patrocínio do patriarca S. José celebrado na igreja São José de Riba-

mar, em 17-6-1733 — Lisboa, 1733 — in 4º.

— *Oração fúnebre* nas solenidades exequias de Carlos VI, celebradas pela nação germânica, no convento de S. Vicente de Fora, em 9-3-1741 — Lisboa, 1742 in 4º.

— *Oração fúnebre* nas exequias de D. Jayme de Melo, terceiro duque de Cadaval, etc, na igreja do convento de S. Francisco, em 27-6-1741 — Lisboa, 1742 in 4º.

— *Elogio fúnebre, histórico e crônólogico* nas exequias do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Oração fúnebre* nas exequias de D. Francisco de Melo, terceiro duque de Cadaval, etc, na igreja de S. Francisco de Lisboa, em 2-9-1742 — Lisboa, 1742 in 4º.

— *Florulae epigrammaticae* — Epigramas de aplauso do bispo do Porto, dito manicurista, afirma Burmilla Machado, se achava no convento de Olinda.

— *Conselho a louvor do padre D. Rafael Blueau*, clérigo regular. Um epígrama latino e um português. Ver no "Obsequio fúnebre que deixou a Acad. dos Aplicados", etc.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, dito manicurista, afirma Burmilla Machado, se achava no convento de Olinda.

— *Conselho a louvor do padre D. Rafael Blueau*, clérigo regular. Um epígrama latino e um português. Consta o poema de 100 versos, todos escritos pela letra S.

— *Trag-comédia no martyrio de Santa Felicidade e seus filhos* — Epígrafia em latim de todos os generais de poesia latina — medievo tardio — Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Prática com que congregaram a Academia Real de estar eleito seu collega* — Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em paleae die Berthae principis etc. — Lissabon, 1750, in 4º. Contém 1 elegia e 4 epigramas latinos e 1 soneto.

— *Poemas à memoria do Duque de Cadaval*. D. Nuno Álvares Pereira de Melo — Vem na "Últimas canções do Duque etc." Lisboa, 1730, pág. 171 a 176.

Escriviu:

— *Memorias históricas*.

— *Tratados de Filosofia Natural*. Nenhum desses livros foi jamais publicado.

— *Pocula*, em louvor do padre D. Rafael Blueau, clérigo regular. Um epígrama latino e um português. Ver no "Obsequio fúnebre que deixou a Acad. dos Aplicados", etc.

— *Poesias em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora*, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º. São 3 epigramas e um soneto.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr. José Maria da Fonseca e Evora, chegado de Roma a Lisboa, 1742 — in 4º.

— *Florulas* em aplauso do bispo do Porto, D. Dr

Academias Literárias

Contribuição para a história das que se fundaram no Brasil antes da Independência

RUBENS FALCÃO

I

Foi na Itália, por volta de 1540, que floresceram os *Dramas*, os *Gelados*, os *Sólitários*, os *Surdos*, os *Inscritos* e *Ocultos*, cujas reuniões, segundo o cônego Fernandes Pinto, celebravam-se "com todos as aparições da serenidade; entre os mais ridículos temas, escreviam massásicas e pedantes dissertações". Os primeiros, sob a proteção de Coimbra de Melo, realizavam no palácio d'este as suas tertúlias. Ainda na península, fundada pelo poeta Gruzin, encontraram a academia de Crusca, "nascento do bom-gôsto e da bela poesia". Daqui a ela apareceram o primeiro vocabulário da língua portuguesa.

A França recebe a influência da pátria do Dante, e a maioria de Rambouillet "abre seus salões nos homens de lettra". Se havia ali escritores mediocrez, como o disse alguém, levantava também geniais: Bossuet, Corneille...

Em 1633 o cardenal Richelieu funda a Academia Francesa. Na Espanha, apesar de menos intenso e muito inferior ao francês, o movimento literário revolucionou com a colônia das academias dos *Noturnos*, *Desconvidados* e do *Som-Gôsto*. A Real de Madrid, criada pelo duque de Escalona, em 1714, tinha por objetivo — "escolher da língua espanhola os estrangeirismos e por elvira — limpa, fixa e di esplendor". Marini e Gongora faziam escola, e imensa era já a legião dos seus seguidores. Na Alemanha, Frederico I funda a Academia Real de Ciências e Belas-Letras.

Em Portugal desabrocharam, em grande número, essas coroas. Disse deles Almeida Garrett: "... Tudo o mais é consumido pelo gosto das cultas, que, arregimentadas em uma infinitude de academias dos nomes mais estavangosos e bacrianos, ensuegavam tirar toda a cor à literatura portuguesa de todos os gêneros e fazer da língua uma algaravia afetada e cílica, vi de todos a expressão, usurpada em frases tão desorientais, em conceitos tão ôcos que nenhum sentido se lhes achava, se algum tiverem os que tão absurdas causas encravavam".

Foi porém, na segunda metade do século XVII que principiou no reino a despontar, mais decisiva, o gosto pelas comarcas literárias. Citam-se como pioneiros desse movimento — D. Luís da Cunha e o conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Meneses. Os salões destes eram frequentados pelos intelectuais da época, que por toda parte promoviam reuniões: "nas casas particulares, nos conventos de religiosos e por outras bairradas se juntavam; a cada paço não só os letrados, mas também os que pretendiam tratando com diligência os assuntos".

Das associações que existiram em Portugal, naquele período, sobressaem as dos *Generosos* e *Singulares*. A primeira, talvez a mais antiga, fundou-a em 1647 o trinchante-mor de D. João IV, Antônio Alvares da Cunha; durou até 1656 e terminou seu tempo "explicar os fins divulgados e obscuros de autores antigos e no mesmo tempo assentar os preceitos da retórica e do poético". A segunda, de 1661 a 65, deixou das suas cotações dois volumes de conferências. Surgiu sob a inspiração do mestre-mor Pedro Duarte Ferrão. O seu símbolo era — "uma pirâmide onde se achavam gravados os nomes de Homero, Horílio, Virgílio, Camões, Ovídio, Garcilaso, Gongora e Lope de Vega e a divisa — *Solaque non possum ante monumento mori!*".

Houve mais: as sociedades dos *Anônimos*, *Ocultos* e *Observadores*; *Aplicados*, *Insignes* e *Sólitários*, esta em Santarém, no ano de 1664; *Humbleis*, *Ignorantes* e *Problematicos*; *Único*, *Instântaneos* e a *Evolucionista*; as três primeiras de insignificante valia. A dos *Aplicados* estabeleceu-a o Padre Rafael Barreto em 1720; a *Instântaneos*, inaugurada no Porto, deveu-se ao Bp. D. Fernando Corrêa de Lacerda. As dos *Humildes* e *Jovinianos* parecem datarem de 1755.

Pelo arcebispo D. Manuel Cenáculo foi criada, em 1793, a *Evolucionista*, que pretendia "ter a seu cuidado a parceria da cultura, fazendo exame de sua observância e tendo a seu cargo responder as consultas e dúvida de todas os paroquianos para serem respondidas nas sessões ordinária".

No século XVIII outras parcerias se organizaram em Portugal, tendo sido as mais importantes a Academia Real da História Portuguesa, a Arcádia Uliçiponense, a Academia Real das Ciências e a Nova Arcádia. A primeira, instituída por decreto de D. João V, de 8 de dezembro de 1730, foi uma reconstituição da antiga academia dos *Generosos*. Iniciou-as as audições com cinquenta sócios e tinha por objetivo — "identificar da menor sombra de falsidade a narração dos sujeitos pertencentes a uma e outra história eclesiástica e secular e investigar aquelas que a negligência tem sepultado nos arquivos". Prospereu bastante, até que no reinado de D. Maria I se transformou na Academia Real das Ciências. Semelhante fato deveu-se ao tio daquele — D. João de Bragança, 2º duque de Lafões. A sua inauguração fez-se em junho de 1780.

É apontado como o esforço mais notável desse grande dicionário da Língua Portuguesa, de cuja elaboração foi incumbido o sacerdote Padre José da Fonseca. Esse Dicionário, que D. João Mendes dos Remédios "ficou na letira A, nem abundante quanto de autoridades e exigiu tal soma de trabalho que Pedro de Bragança se inutilizou de doença por toda a vida e os seus colecionadores o esgarçaram". A Arcádia Uliçiponense fundou-a, em 1756, Antônio Dínia da Cruz e Silva, juntamente com Manuel Nogueira Esteves Negro. O seu vulto mais conspícuo foi o poeta Padre Antônio Corrêa Garcia, vítima do despotismo do poderoso ministro de D. José I. Colmava a Arcádia promover a reforma da literatura lusitana. Por último — a Nova Arcádia ou Academia de Belas Letras, — grata à iniciativa, em 1790, de José de Vasconcelos e Souza, conde de Pombal. Dentro ou não pertencia-lhe o poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage, nascido sob o pseudônimo de Elvaso Sardino.

O Brasil, colônia de Portugal, não podia conservar-se diferente ao movimento literário que agitava a metrópole. E apesar de só no século XVIII se terem firmado entre nós como sociedades realmente constituidas, já na derradeira metade do que se lhe antecederam havia as assembleias de letrados.

Silvio Romero, na sua opulenta História da Literatura Brasileira, considera essas agremiações "denunciadoras de muita vivacidade intelectual, muito desejo de aprender e trabalhar por parte dos colégios brasileiros. E se é certo que os seus escritos não podem ser citados como prova de alto aproveitamento, o que então se praticava na metrópole não era de muito melhor qualate, e isto é o principal".

"A literatura do reino" — continua — "era então doentia e decadente. Na segunda metade do século levavam-lhe até vantagens".

Essa febre de academias, de que nos fala Coelho Neto, contagiou, na verdade, os homens mais instruídos do colónio, naqueles anuvinados tempos. E que homens eram êsses? — "em sua maioria padres ou frades, doutores em canones, homens de igreja, em sua" — responde-nos José Veríssimo, que aquelas companhias eram a origem da crítica literária no Brasil. "Os seus primeiros ensaios" — escreve — "formam os prececeos ou juízos neles apresentados sobre os trabalhos sujeitos à sua apreciação".

A Bahia — elas o berço da nossa primeira agremiação literária — u dos Esquecidos, em 1724. Seguiram-se-lhe: a dos Felizes, no Rio de Janeiro, em 1736; a dos Seletos, na mesma cidade, em 1754; a dos Renegados, em 1760, ainda na Bahia; a Científica, no Rio de Janeiro, em 1772; e novamente aqui a Sociedade Literária, no ano de 1786.

Zurrou-las a veia artística do irreverencialismo Gregório de Matos Guerra, como em Lisboa, com o seu teatro, o infoturado Antônio José expusera ao ridículo a sabedoria dos acadêmicos.

Foram tais, porém, as mais importantes das que entre nós se estabeleceram antes da Independência e delas sómente nos ocuparemos, sentindo-nos dispor de vagar para o estudo da sua influência no meio em que viveram. Seria esse um trabalho de investigação paciente, que demandaria anos, talvez: de alto interesse para a nossa cultura, há de ser feito um dia por estudiosos e eruditos.

O que ora tentamos é uma contribuição modestíssima, uma visada de bon vontade no nosso passado literário, spontâneos soltos que procuramos coadunar, de velhas leituras. Não mais pretendemos nem ambicionamos.

ACADEMIA BRASÍLICA DOS ESQUECIDOS

II

Na cidade do Salvador, reunindo os melhores intelectuais da época e inspirada nos moldes da dos *Singulares*, fundou em 1724 o vice-rei Vasco Fernandes César de Meneses, posteriormente conde de Sabugosa, a Academia Brasílica dos Esquecidos.

Por meio de cartas-circulares, como consta do documento adiante transcrito, foram convocados para compô-la, em 7 de março desse ano, além das pessoas que são ali mencionadas, mas as seguintes: Luis Canto de Noronha, João de Melo, Manoel José Churém, frei Manuel Rodrigues Correia de Lacerda, frei Francisco Xavier de Santa Teresá, os irmãos Bartomeu Lourenço e Alexandre de Gusmão e João Mendes da Silva, pai de Antônio José, o que, acusado de judaísmo, foi queimado pela Inquisição.

As sessões da Academia, que se supõe terem sido dezoito, faziam-se no próprio palácio do vice-rei. A primeira empregou-se quase totalmente em louvores ao seu criador; a segunda, em 7 de maio de 1724, coupo-a Rocha Pita com um discurso gongórico sobre: "Quem mostrou amar mais fielmente: Clite ou sol ou Encínio à sua?"; na terceira João de Brito Lima, que, segundo Silvio Romero, iniciara já velho o ofício de poeta, discorreu sobre "a Fortuna"; na quinta e padrinho Rafael Machado, reitor do colégio dos jesuítas da Bahia, explorou o tema — *Nihil sub sole pôrum* — e recitaram versos: José de Oliveira Serpa, Rocha Pita, Antônio da Oliveira e o padre Barreto.

Ao fim de algum tempo começaram a lavrar o desânimo entre os acadêmicos, que aos poucos iam deixando de se reunir; e a última conferência de que há notícia foi a de fevereiro de 1726.

Ajudando à fundação da sociedade, escreveu o autor da História da América Portuguesa: — "A nossa portuguesa América (e principalmente a província da Bahia), que na produção de engenhosos filhos pode competir com Itália, Grécia, não se achaiva com as academias introduzidas em todos os repúblicas bem organizadas, para apartarem a idade juvenil do ocio contrário das virtudes e origem de todos os vícios e apurarem os talentos dos engenhos. Não permitiu o vice-rei que faltasse no Brasil esta pedra de toque no investimento, oiro dos seus talentos, os mais quinhões que os das suas minas. Erigiu uma doutrinária académica, que se fez em palácio na sua presença. Deixaram-lhe fama as pessoas de maior graduação e entendimento que se achava na Bahia, tornando-o por seu protetor. Têm presidido nela eruditíssimos sujeitos. Houve graves e discretos azeitos, nos quais se fizeram elegantes e agudíssimos versos; e vai continuando nos seus progressos, esperando que em tão grande proteção se dém ao prelo os seus escritos, em prêmio das suas fatigas".

Era Rocha Pita rico proprietário de uma fazenda às margens do Paraguai. "Foi historiador e fez sua história necessariamente no jeito da época: retórica, empolgada, eloquente, antes que documentada, simples, exata, como alias pedia o gênero" — pondera Afrâncio Peixoto. A essa obra e à sua influência José Veríssimo atribui "muitas das nossas abusões e enganos da opinião e ignorância da nossa terra, ilusões umas porventuras auspiciosas, outras certamente funestas". Della e

ACÚCAR DIAMANTE

O MAIS PURO
O MAIS ALVO
O MAIS SECO

DISTRIBUIDORES EM TODO O BRASIL:

Companhia Geral de
Melhoramentos
em Pernambuco

ESCRITÓRIO: RUA DO BRUM, 85 — CAIXA POSTAL 257

RECIFE

INSCRIÇÃO N.º 64 — RIO FORMOSO
PERNAMBUCO

Academias Literárias

cor da capitania, cujas virtudes e ações cantaram em prosa e verso. Como disse Fernando Pinheiro, "disipando o fumo dos turuços, findos os convencionados aplausos, dissolvem-se a acento, e sobre emperradas quebras quebraram as brônzeas portas de templo das letras brasileiras".

ACADEMIA BRASÍLICA DOS RENASCIDOS

VII

Sob as auspícios do vice-rei, sexto Conde dos Arcos, estabeleceu-se na cidade do Salvador, a 6 de junho de 1758, essa entronização, revivência dos *Eugenícos*. A data escolhida era o aniversário do rei D. José, vítima de um atentado a 2 de setembro do ano anterior. "O sacerdócio" — reparou alguém — "acha-se propício para as manifestações de cortesia".

Precorreu-se justificativa o aparecimento do círculo com a "preexistência de erigir um padrão de alegria que antirrira os habitantes da Bahia com a notícia do perfeito restabelecimento de Sua Majestade Fidelíssima, depois da perigosa enfermidade e do seu afeto à Real pessoa". Constituiam essas palavras dos estatutos aprovados na primeira reunião. Junto aos mesmos se lêem os nomes dos acadêmicos, em dois catálogos alfabetizados.

Quatro estatutos, elaborados pelo presidente da companhia, foram oferecidos pelo Visconde de S. Leopoldo ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, cuja revista os editou em seu volume 36, parte 1^a. Em obediência aos seus parágrafos XVII, XVIII e XIX, elegeram a academia sua padroeira a Nossa Senhora da Conceição; seu protetor a D. José I, rei de Portugal e Algarves; e para seu Mecenas o secretário do Estado, Seteunio José de Carvalho e Melo. Propunha-se escrever a história universal da América Portuguesa (teosófica e secular; geográfica e natural; política e militar) e com esse intento celebrar quinze sessões, da data da sua instalação a 26 de abril de 1758. Faziam distas sessões, além da inaugural: a 4 e 12 de agosto; 1, 13 e 28 de setembro; 18 e 27 de outubro; 10 e 24 de novembro de 1758; 31 de março, 12 e 26 de abril de 1760, quando se extinguiram.

Iniciaram os seus trabalhos, contudo, desde logo, quarenta sessões efervescentes e alegres e seis supranuméricas. O sélo de que nomeam em todos os seus despachos, cartas, e diplomas, representava a ave fénix. Ilhando os olhos no sol, com a letra — multidamente dura — e na circunferência, o título — *Academ. Brasili. dos Renascidos*. — Em segredo do fénix, estas palavras de Cláudiano:

"Constitutus aquilae, crevuo que ex orbe valorem. Ut salis iumentum usum."

Da eleição para os vários cargos resultou: presidente — José Macarenhas Pacheco Pereira de Melo; censores — João Borges de Barros, João Ferreira Blencourt e São, Frei Inácio de São Nazaré e José Pires de Carvalho e Albuquerque; secretário — Antônio Gonçalves Serra; Castelo-Branco, fidalgo da casa real e encarregado da tarefa de auxiliares do Reitor; vice-secretário — Bernardo Marques Almeida e Ariznau. O primeiro relatório informa Varnhagen, deu a publicidade em Lisboa um livro com o título — *Roland Panegírico* —, na qual se enfatizavam as artes e poesias proferidas no gabinete por ocasião da eleição do rei D. João V.

O lugares de censores eram considerados egregios e os mais altos na classificação, sem dependência nenhuma do diretor. Tinha este assento, em uma cadeira de prata entre elas.

A Academia pertenciam dezesseis padres jesuíticos e desejavam-lhe, lúdigos, pregações, professores, militares e diversas outras figuras eminentes na sociedade colonial de São Salvador. Antes da sua instalação solene, muitos desses elementos estiveram reunidos em casa em casa de Macarenhas a 19 de maio de 1758 — esclarece o historiador Alberto Lampe, a quem devemos o aparecimento, em 1923, de excelente estudo sobre a fundação e trabalho inédito do grupo brinque.

Nostriano o ato inaugural, diz-nos J. Lúcio de Azevedo: — "Iniciada a celebração indo os acadêmicos incorporados juntar a Conselho Purissima, na capela-mor da igreja dos Carmelitas calcários, em mãos do Provincial, padre-mestre frei João da Costa, depois da que, subiram ao salão do convento, adereçado com arte, onde, em presença de numerosa assembleia se executou o programa literário. Não copioso este que, começando às três da tarde, se prolongou até quinze horas pela noite adiante e teve de prosseguir no seguinte dia, por não estar encerrado o círculo das peças a recitar".

Staves, epigramas, sonetos, glossas, décimas e outras compo-sições falam-lida, destinadas-se nesse torneio os acadêmicos Silvestre de Oliveira Serra, José Corrêa da Costa, Francisco Alves de Pina Bandeira e Mendonça, João Borges de Barros, Daniel Vieira Ottoni, Francisco Xavier Feijo, Amaro Pereira de Palma, José Mirelles, José dos Santos Coimbra Damão, José de Oliveira, Antônio de Santa Maria Jabaquara, Manuel Xavier Alves e Doutor Luís Pereira de Lengôa, cujos trabalhos divulgam-se Lamego em sua erudita monografia.

Vale transcrever os trechos adianto do discurso do presidente, o qual dão bem uma ideia do estilo que então se praticava: ... "Além que ocupo o primeiro lugar"; — diz ele — "reconheço que merecia a vossa eleição; louvá-la seria vaidade; impugnar-la, agravamento. Pugnando de ambos os vícios, podia eu impor a minha dita um daqueles que distribuiam a fórmula às matos e rios, com os outros vendidos; porém entre os do cultos e tão católicos não devo eu adoptar uma doutrina que até serve de injúria ao entendimento dos mesmos cidadãos". E prosseguiu: ... "Quando o exército se compõe de soldados tão inteligentes e tão veteranos, o General não é preciso para o Governo: é somente uma cerimônia do costume. Temos exemplos de exércitos que com tais camaradas vencem as batalhas em nome dos seus generais, depois de mortos, porque não necessitavam para as maiores empresas mais do que o seu próprio espírito. Eu também, amados companheiros, sou tão ruim que vosso sócio, não terá mais exercito que o de vosso disciplina, mas encarecer o lugar de presidente, para que o mundo tome de vós lições, vendo este portentoso milagre da vossa companhia e da vossa instrução".

Selado de Lisboa, a 3 de junho de 1758, conduzia Macarenhas, nomeado Conselheiro Ultramarino. Instruções reser-

vadas para proceder a sequestro nos bens dos jesuítas "e dar nova forma de governo às Indias, substituindo por párocos os missionários e introduzindo nas aldeias a administração civil". Mas no chegar às plagas baianas a 27 de agosto, após uma travessia cheia de incomodidades e perigos, em que o navio que o transportava fôra escassado por tempestades medonhas, procurou, com esperanças de metrópole, aliar-se aos discípulos de Loiola, aos quais antes acusara do crime de lessa-magestade. Ao tempo de desembargador da Suplicação, profetiza a famosa sentença pelo qual, em 1757, "foram condenados à pena ultima viante e suas possessões e os de aguinhos, prisão e degrado, muitas outras".

Suas amistosas relações com os jesuítas e oficiais franceses provocaram a ordem régia de 22 de outubro de 1761, em virtude da qual era entregue ao governador de Santa Catarina, Francisco Antônio Cardoso de Meneses. Recolhido à fortaleza de Santo Antônio, na Ilha dos Ráezes, o permaneceu até 1777. No ano seguinte, passageiro da nau *Nossa Senhora da Ajuda*, regressava à Pátria, tendo sido essa viagem, que consumiu cento e quarenta e seis dias, mais tormentosa ainda que a precedente para o Brasil.

Favorito e vítima do marquês de Pombal, era o conselheiro Macarenhas "um espírito superior, dotado de ardente imaginação". (A. Lampe). Pertencera, na Europa, a diversas associações literárias e científicas, tendo sido presidente da Academia dos Outeiros de Lisboa. Com a sua reclusão, dissolviu-se os arcados batanenses.

Círculo de poetas falhados, na opinião de Lúcio de Azevedo, entre os quais "não se depara um só nome que sobreviva à mediocridade", exclama, por outro lado, o autor de *Terra Golfeira*, a Academia Brasílica dos Renascidos deixou, contudo, das suas locutoriões alguma coisa de registro. A seu infuso, D. José de Miraless, tenente-enrolado de um dos Regimentos da Guardaria da Bahia e acadêmico numerário, compôs a História Militar do Brasil, desde o ano de 1649, em que teve princípio a fundação da cidade de S. Salvador, até o de 1762. Folheavam na Biblioteca Nacional o exemplar da coleção "Benedicto Ottoni", organizada pelo dr. José Carlos Rodrigues, dono do dr. Júlio Benedito Ottoni. São dízimas e tristeza prima, bem impressa e um índice alfabetizado. Não tratá a data da edição.

Do censor José Pires de Carvalho e Albuquerque é o poema *Calila Métrico*, escrito em louvor da Virgem Maria e composto em 1760 nas oficinas tipográficas de Francisco Luis Amorim, em Lisboa. São igualmente referidos: as *Memórias de S. Vicente*, por frei Gaspar da Madre de Deus; e *Desgraças do Brasil* e *Glorias de Pernambuco*, de D. Domingos de Loretto Couto, publicados em 1802 nos *Anais da Biblioteca Nacional*. Em carta dirigida ao secretário da academia, assim manifestou-se o autor: "Escrevi ista História estribado em verdades informações de pesquisas de 80, 90 + 100 anos; nas observações e exames que fiz, quando fui visitador geral da Diocese de Elvas; nos casos e sucessos que presenciei, de que há milhares de testemunhas; em alguma memória que porventura me vieram às mãos e em notícias que extrai das secretarias e cartórios. Foste-me vali dos livros que tratam do nosso Brasil, porque nelas há muitas diminuições, muitos defeitos, muitas fabulas e bastante calúnias. Estas me obrigarão a dar o meu livro o título de *Desgraças do Brasil*, assim como *Glorias de Pernambuco*, às ilustríssimas ações dos meus naturais".

Há também alusão ao plano de um poema épico sobre o descobrimento do Brasil, elaborado pelo acadêmico supranumerário, padre Domingos da Silva Teles.

De assuntos graves e sérios, alguns científicos, de mistura com temas fúteis e supersticionais, cogitaram os *Renascidos*. A "maioria" — assimila José Verissimo — "verdejava ou fazia prosas oficiais ou acadêmicas, gloriosas mozes, verificando temas prestabilizados em tâmbem amplificando retoricamente assuntos oferecidos: as suas curtos engenhos, nenhum destes versadores ou poetas tinham virtude literária por que perturasse na memória dos homens e as suas obras, ainda as imprensas, é como se não existissem".

Não cremos, em que pese à opinião do usado crítico, sejam assim tão despicadas.

Para maiores informes acerca da Academia Brasílica dos Renascidos vejase o trabalho de Alberto Lampe, já citado, e o de Max Fleiss, na Revista Americana, ano de 1917.

No seu opuscúlo, o historiador lúminez da-nos a conhecer certas insídias de Cláudio Monzel da Costa, frei Gaspar da Madre de Deus e D. Domingos de Loretto Couto, em que agradecem a sua eficiência supranumerária. São documentos adquiridos pelo eminente polígrafo em um alvarábita português. Das mais preciosas são, por exemplo, os elementos fornecidos pelo senhor ministro, porque fazem tal sobre ponto, controvertidos da sua vida. Assim é que menciona Cláudio a data exata do seu nascimento — 5 de junho de 1729 — e o lugar — o distrito de Vargem, no distrito de Mariana. Aliude também à sua obra dramática, de que, segundo Verissimo, antes não havia notícia.

ACADEMIA CIENTÍFICA DO RIO DE JANEIRO

VII

Sob os auspícios do marquês de Lavradio, vice-rei do Brasil, instalou-se no Rio de Janeiro a Academia Científica. A sua primeira sessão realizou-se em 18 de fevereiro de 1772. Foi seu fundador e presidente o médico do vice-rei, José Henrique Ferreira; secretário, o cirurgião Luís Borges Salgado. Compunham ainda o círculo os médicos Antônio Freire Ribeiro e José Gonçalves Muñiz; os cirurgiões Maurício da Costa, Iosefo José da Costa Abreu, Antônio Mestre e Luís Borges Salgado; os botânicos Antônio Ribeiro de Faiva e Manuel Henriques da Paiva e o agricultor prático Antônio José Castrilho.

Manteve correspondência com a Academia Real de Ciências da Suécia e, pela natureza das questões de que se propunha tratar, reputava-a o visconde de S. Leopoldo a mais eficiente de todas as que entre si florescem naqueles países remotos. A seu cargo tomou assuntos de física, química, história natural, medicina, cirurgia e farmácia, como também de agricultura e quanto se relacionasse com o interesse geral da colônia luso-americana. Segundo Monsenhor Pisauri, citado por Max Fleiss, deve-se a ela a cultura do anil, da coquinhinha, do caruru e do bicho da seda em nosso país. "Tinha esta academia um hórion denominado Botânico, na círcula do colégio dos antigos Jesuítas,

o qual servia de hospital militar, de cujo hórion era insígnior o srº Antônio José Castrilho. Reuniam-se os sócios todas as semanas e nas suas sessões tratavam-se diversos assuntos científicos; colhiam-se delas frutos utilizáveis e foi em uma das suas sessões que o diretor da classe de cirurgia denunciou e expôs que, viajando pela campanha de S. Pedro do Rio Grande do Sul, um espanhol que o acompanhava, o qual residira no México, lhe fizera observar os bichinhos da coquinhinha sobre as grossas folhas da urucumbeira (*carica opuntia*): foi escutado com admiração e entusiasmo, expediram-se ordens para aquela província para preparar-se porção desses frutos, remetidos pelo vice-rei para Lisboa houve em resposta que, pelas experiências, se achava ser tão boa como a da América Espanhola.

Suas amistosas relações com os jesuítas e oficiais franceses provocaram a ordem régia de 22 de outubro de 1761, em virtude da qual era entregue ao governador de Santa Catarina, Francisco Antônio Cardoso de Meneses. Recolhido à fortaleza de Santo Antônio, na Ilha dos Ráezes, o permaneceu até 1777. No ano seguinte, passageiro da nau *Nossa Senhora da Ajuda*, regressava à Pátria, tendo sido essa viagem, que consumiu cento e quarenta e seis dias, mais tormentosa ainda que a precedente para o Brasil.

Na academia, teve curta duração, mas nem por isso, como vimos, destruiu de utilidade no meio em que surgiu e atuou. Resultado da benéfica influência dos seus trabalhos, é considerada a obra — *Flora Fluminense* — do religioso franciscano José Mariano da Conceição Veloso.

SOCIEDADE LITERARIA DO RIO DE JANEIRO

VIII

Sucedeu à Academia Científica, em 6 de junho de 1786.

Foi igualmente efêmera a sua existência, pois apenas funcionou durante seis meses. Fundou-a o mestre Manuel Inácio da Silva Alvarenga, muito justamente apontado com um dos melhores cunhados poéticos de quantos compunham a brillante e infotunada platéia mineira.

Contando com as graças do vice-rei Luís de Vasconcelos e Souza, ressuscitou a parceria extinta, agora sob nova denominação, "Dolo" — esclarece José Verissimo — "foi secretário e portavulto a alma". As sessões realizavam-se no primeiro andar do prédio n.º 76 da rua do Cano, hoje 7 de setembro. No segundo residia Silva Alvarenga, "encarregado de zilar os objetos de história natural e a biblioteca".

A associação pertencera, além desse poeta, João Marques Pinto, mestre régio de grego; o médico Jacinto José da Silva; o cirurgião Vicente Gomes; o mestre de latim João Manso e Mariano José Peixoto Penteado.

Vindo, porém, substituto no governo da colônia o Díalgio Portugal e vice-rei liberal, começou o conde de Rezende a suspender das reuniões daqueles letrados. E' que já se impressionavam os sucessos da incisão mineira... E assim, determinando o fechamento da corporação, que supunha um clube de Jacobinos, fiz recolher preso à fortaleza de Santo Antônio aquele que era tida a vida a vida da sociedade. Durante mais de dois anos esteve ali detido e festejado cantor de Glória, até que, pobre e enfermo, devolveram-no à liberdade.

Essa agremiação, segundo Silvio Romero, deve ter sido a única suposta Arcadia Ultramarina. Divergiram os autores sobre a existência desta última: entre os outros, podemos citar o cônego Fernandes Pinheiro e Joaquim Norberto de Sousa e Silva. Contesta José Verissimo que, com esse nome, tinha ela se instituído entre nós. Notícia-lhe, entretanto, Ferdinand Wolf o aparecimento nestes termos: "Elle fu fondée à Rio de Janeiro sur le modèle de l'Arcadie Italienne par les poètes Silva Alvarenga e José Basílio da Gama. Le successeur du Marquês de Lavradio, o vice-rei Don Luís de Vasconcelos e Souza, était grand amateur de littérature et protegeait particulièrement Silva Alvarenga. Ce fut sous son égide e celles de l'ovado que Don José José Justiniano Macarenhas Castelo Branco que a Arcadia Ultramarina pris naissance". — Em que ano, pergunta-se, era então formada essa sociedade? em 1780? em 1783? O que é incontestável, pondera Silvio Romero, é que em 1786 Claudio Manuel da Costa já se instituía arcada ultramarina...

O discurso recitado, em 6 de junho de 1787 por Joaquim José de Ataíde, presidente do grêmio, é um relato das atividades da companhia no primeiro ano de sua existência. Como necessidade primordial, projetou cuidar das epidemias e moléstias endêmicas do país, tornando para modelo "a recomendável obra das observações de Caligorne sobre as moléstias epidémicas e endêmicas da Ilha de Minorca", vertida para o vernáculo a primitiva parte; delineou e empreendeu a descrição física e econômica do país; redigiu a memória sobre o eclipse total da luna, verificado a 3 de fevereiro daquele ano e outra "em que se dava conta de que havia observado no tempo do eclipse, com que atenção e com que minuidos fases d'este planeta"; uma determinação da "verdadeira longitude do Rio de Janeiro, até aqui divulgada"; outra memória "sobre as frições, melaço, ainda que simples, eficas em muitas circunstâncias"; duas mais a 22 de março, sendo "uma sobre o calor da terra fisicamente considerado e outra sobre o fogo central"; "observações meteorológicas feitas no mês de fevereiro por espaço de seis anos sucessivos, em que se mostra por cálculo evidente ser este o mês de maior calor no nosso país"; projeto de análise das águas da Carioca para, pelos seus conteúdos, conhecer a sua salubridade e os danos que poderiam resultar do seu uso aos habitantes desta cidade"; método de extrair a tinta do urucu; e, por fim examinar os danos e proveitos do uso da aguardante e dos licores espirituosos.

Nessa época então considerada da mais crassa ignorância, não há como deixar de reconhecer a boa e patriótica intenção com que se estabeleceu e trabalhou a Sociedade Literária do Rio de Janeiro.

Na metrópole não se fazia nem se fôr coisa melhor; e poesias que os de lá não fôram, por certo, os avôs balancinhas e fluminenses, gabados uns mais e outros menos, mas precursores, igualmente, de todas as companhias de homens de letras.

Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea

Primeira série — Antologia da Poesia XXXVIII — Gilka Machado

SANDALO

A Antônio Egas Monte Barreto de Aragão

Quente, estriúculo, ativo, emocional, intenso, o sandalo espirala, o espaço ganha, berra... e tu, que anfígio o sôrvo em imagens hauatas, pense ser ele a emanação da volúpia da Terra.

Odo que o sangue inflama e que um desejo intenso de prazeres sensuais em nossas almas terra, quer perfume o brinco de um rendilhado lenço, quer percorra, a cantar, as brenhas, o ermo, a serraria.

Quando o aspira a embriagar em mim se manifesta, e obra do amor transponha a vidental floresta, onde a Luxuria, como uma serpente, assoma...

Há rumores marciais, sangrentos, agressores, de trompas, de clarins, cornetas e timbres, na forte exhalapão deste infernal aroma.

DENTRO DA NOITE

A Antônio Cardoso de Castro

As laranjeiras estão floridas e sob o véu alvo do luar, de branco assim todas vestidas, parecem virgens a caminhar para o altar.

A alma nos fica intensamente preza de um místico languor, ao perfume que exalam na devesa os laranjais em flor.

Há um ruído de oração, de longe em longe, ainda o hysope da Lua espargindo todo o ar, e o Vento reza como um velho monge, para no altar da sombra as árvoreas casar.

Enquanto a noite fulge tóda acesa para a festa do Amor, vão desfilando na flores da pureza os laranjais em flor.

SENSUAL

Quando, longe de ti, solitária, medita neste afeto paixão que envergonhada oculta, vem-me às narinas, logo, o perfume exquisito que o teu corpo desprende e há no teu próprio rosto.

A febril confissão deste afeto infinito há muito que, medrosa, em meus lábios sepeito; pelo teu lascivo olhar em mim pregado, fio, à minha castidade é como que um insulto.

Si acaso te achas longe, a colossal barreira dos protestos que, outrora, eu fizera a mim mesma de orgulhosa virtude, erige-se altaneira.

Mas, si estas ao meu lado, a barreira desaba, e sinto da volúpia a ascosa e fria lèmna minha carne polar com repugnante baba...

OLHOS PERFIDOS

Olhos da triste cor dos ambientes mortuários, onde paira uma luz de círio a tremular; em um dia supuz que fosses deus alvejário, porque havia um sabor de mel no vosso olhar.

Como no espelho arcoíl de putridos aquários a noite se reflete o fulgor estelar, a vossa podridão, olhos fatia e vãos, ven, às avessas: um lume estranho iluminar.

Vejo, si em vosso todo acaiso o olhar sfundo, que, em vós, como no horror de um lodado imundo, geram-se ocultamente os microbicos de um mal.

E eu, que buscava abrigo à alma desiludida, tendo me unido de fôdo, infecionando a vida, ao contágio da vossa emanação letal!



Gilka Machado

ESPIRITUAIS

Do meu amor por ti como contar-te a história, si nem sei desde quando em meu cérebro o trago, erguido assim como uma igreja merendeira, da qual tu sempre foste o minguoso orago?

De há tanto não te vir, apenas, na memória, conserva do teu rosto um simulacrum vago, e, como desse amor gôso supremo e glória, lembro de um teu sorriso e espiritual atago.

O meu amor por ti é intangível e puro, desprovido de ardor, desprendido das aias das prazeres carnais, efêmeros e escassos.

Amor em que o meu sér eternalmente depuro, amar que te dedico através das distâncias, como um sol a outro sol, através dos espaços.

INTIMOS

A Cândida Maria Barreto da Costa

Minha avozinha, minha avozinha, hoje quão longe de mim te estás! Que linda Magua se me avozinha e me recorda os primaveras ditas vividas na infância minha, dias que nunca voltarão mais.

E dessa estância do meu Passado, s'ou tu perduras por sobre as ruínas, e erguendo o vulto sereno e amado toda a povoa, tóda a iluminas. Ah! como é doce ao meu sér maguado essa lembrança que lhe propinas!

E' que, na fase da minha infância, me foste sempre qual protetor anjo que, sobre o meu mal, minha ancia, azas abria de niven cor; einda hoje, ausente, posa à distância, lanças-me o pálio de teu amor.

Mesmo da infância pelos caminhos tiv' os acelhos, dos dissidores, transpus misérias, transpus matinhos desertos negros e aterradores, que tu, cuidosa, com tua carinhos, alegravas de claras flores.

Sempre do gôso para a anciedade ans labícas tive da dor o tel, pois, desde a minha mais tenra idade, tol-me o destino triste e revel; e só na tua doce bondade acharia na vida um pouco de mel.

Os meus momentos mais enfadonhos por ti me foram sempre alegrados; os desenganaços trêdos, medinhos, de minh' buscas, tiveram afastados, acalentando meus pobres sonhos na rede de ouro dos teus cuidados.

E, recordando aquelas antigas noites, passadas no nosso lar, em que, vencida pelas fadigas, ia no teu colo me aconchegar, escute aquelas velhas cantigas que tu cantavas a me embalar.

Hoje, que o sér trago envelhecido pela tortura, pelo cancro, e em vio alriga busco no vencido corpo, que sinto morrente e lasso, punge-me a dor de não ter morrido no fôto leito do teu regaço.

LUNAR

Velhinha bôa, lá vem a lua subindo, como que a embalear; a Noite dorme gelada e tua e, para o sono lhe suavizar, sobre o seu corpo desdobra a Luisa luços e longas lencas de luar.

Olhos lucentes, olhos dos campos, de luz incerta, luis polvor, além, das longas do espagu, escampos, brilham lampreias pelo trovão, lucidos olhos, olhos dos campos, de olhar curioso, investigador.

Andam perfumes sonambulando, enquanto as coisas dormindo estão; o vento passa, de quando em quando, e tudo ao vento estremeca, então, e, divagando, sonambulando, andam perfumes pela amplidão.

Nunh' largo lago que além se espalma fulgura todo o lume estellar, e a Luisa no velho, riscinha, calma e embevezida, põe-se a mirar a sua sombra sobre a água espalma, na água flutuando qual menunar.

Passa do vento a secreta ronda, dizendo às coisas: "é já manhã!" enquanto a Luisa sobe, redonda, lembrando um sócio (que ideia van!) e, ao chammamento da estranha ronda, já tudo pensa no diurno afan.

No entanto é noite; mas, é tão branca a luz que a Luisa lançando vem, que as coisas todas do sono arranca, as almas enche de um novo bem. Por uma noite de luar, tão branca, pôde ter sono sique alguém?

Faz-se na terra uma nova orgia onde quer tudo se embendar...

Nota sobre "Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea"

Continuamos, no número de hoje, o trabalho de análise da *Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea*, que, por motivo alheio à nossa vontade, desde o ano passado se achava interrompido. No número de hoje vai incluída uma das maiores expressões da nossa poesia atual, a brilhante Gilka Machado. Em números sucessivos, esperamos incluir outros valores ilustres de nossas letras, inclusive muitos daqueles que têm sido postos numa injusta sombra de esquecimento pelo desdém das igrejinhas e pela indiferença das correntes em moda.

Com o número de hoje, atinge a nossa antologia ao número de cententa e vinte e oito prosaadores, autores, sendo cinquenta e dois poetas.

Notícia sobre Gilka Machado

Gilka da Costa Melo Machado nasceu nesta cidade em 12 de março de 1893, é neta do violinista Pereira da Costa. Foi casada com o poeta Rodolfo Machado, de quem enviou em 1922. Em 1920, apresentou à Academia Brasileira de Letras ao concurso de Poesias, seu livro *Poesias* inscrito Ilma Glauco. Constituída a Comissão julgadora por Humberto de Campos, Alcides de Castro e Lauro Müller, foi o primeiro escolhido autor. Deu Humberto de Campos o primeiro prêmio ao livro *Rito Pagão*, de Rosalina Coelho Lisboa (Bruno de Aquino), e pediu menções honrosas para os livros *Poesias*, de Ilka Glauco, e *Animas Resum*, de Prado Kelly (Horatio Vinit).

Esse concurso trouxe animada e longa polêmica na Academia, tendo sido o Parecer de Humberto de Campos combatido por Césario Duque Estrada e Medeiros e Albuquerque, sendo que Osório sustentava ser o único livro que devia merecer o prêmio o de Ilma Glauco e Medeiros sustentava ser o de Hora Ito Vinit. Prevaleceu, a final, o parecer do relator da Comissão. (Vide Revista da Academia Brasileira de Letras, n.º 18-20, setembro-dezembro de 1921).

BIBLIOGRAFIA DE GILKA MACHADO

- *Cristais Partidos* — Rio de Janeiro, 1915, 113 págs., com retrato da autora.
- *Estados de Alma* — Rio de Janeiro, 1917, 118 págs., com retrato da autora.
- *A roteleira dos perfumes* (conferência).
- *Poesias (Cristais Partidos e Estados de Alma)* — (1915 — 1917) — Jacinto Ribeiro dos Santos — Rio de Janeiro, 1918, 237 págs.

— *Mulher Nua (Poesias)* — Jacinto Ribeiro dos Santos — Rio de Janeiro, 1922, 175 págs.

— *Men glorioso peccado — Amores que mentiram, que passaram* — Alcides Tóteas, Rio de Janeiro, 1928.

— *Corpo e Alma (Poemas escolhidos)* — Coleção Benjamin Constant — Civilização Brasileira S. A. n. 6.

ALGUMAS FONTES SOBRE GILKA MACHADO

- *Almanaque Diniz* — *Mulher Nua* — Mundo Lit. — 5-3-823 — 173.
- João Ribeiro — *Notícias no Alm. Alves* — 239 (com retrato).
- *Estados de Alma* (Imparcial) — 16-6-917.
- *Poesias* (Imparcial) 10-3-919.
- *Mulher Nua* (Imparcial) 28-3-922.
- *Jonatas Batista* — *Revista da Academia do Piauí* — n.º 2 — pág. 179.
- Nestor Victor — *Cartas a gente nova* — *Cristais Partidos e Estados de Alma*.
- Osório Duque Estrada — *Crítica e Polêmica*.
- Rev. Souza Cruz — Jan. 1920.
- Rui Gomes — *Mundo Lit.* — 5-10-923 — 268.
- Tasso da Silveira — *Da Coroa de Aveixa — Terra de Sol* — Vol. 3º, pág. 12.
- *Terra de Sol* — 3º vol. pág. 32 — (Antologia com retrato).

Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea

A Luta, as coisas, de cima, espia,
e amfora de âmbar, suspenso no ar,
para a noite terrestre orgia,
retorna o oleoso licor da luar.

... requebrados, em bambolos,
com gestos leitos, lenguas, sensuais,
mustram as frondes as verdes secas;
vêm as flores dos laranjais...

... elas, as palmas, em bambolos,
abrem as danças das bacanais,

Na sorte de beijos pelos espacos,
cotos lampejos, aí de prazer...
recomem-se os olhos dos astros lagos,
o quando em quando, para não ver
liso de abacaxis, que, nos espacos,
abrigam todos, num se querer...

Na palma solta nas frondes,
palma no espaço, palma no chão;
e salvo, no alto, de tão maravilhas,
flame de palma julgo que são...
e a Luta, vista entre as frondes,
parece um fruto sê de algodão.

Plantinhas brancas, chales de bruma,
tanta da Noite nos homens nus;
vem agora todo se esfuma
de novos que erram do espaço à fluxo...
e a Luta, vista através da bruma,
um incenso lançando luz.

Na espuma branca pelas alturas,
descerpa a Terra, o Infinito, o Mar...
na lida dos sonhos presa as tanturas,
dito-me como que desmanhar.
Encravando, pelas alturas,
a proposito Luta desmaiada no ar.

TEMPORAL

A. Miguel Monteiro

No acanhado nupcial dos ninhos silenciosos,
sentem de um pezinho a tetrica tortura,
as aves, despertando nos repetidos chidos
do mato, a se estorcer, dentro da noite escura.

Tudo acorda. Há no horror dos céus congestionados
a trágica expressão de uma eterna loucura;
o sol, dentro da selva, nivis, lamentos brudos,
o vento os ossos quebra às árvores, tortura.

De fato fura o espírito a fulgida fagulha,
e frenética, ao vento, estoura como uma onda,
e logo após se acalma, e logo após maruffa.

Nunca trai estúpido a chuva tomba, agora;
rápido, o ralo rasteja a treva, e estala, e estronda,
e mata chia... e o vento gem... e a chuva chorá.

VOLUPIA

Centípedo, de meu sangue alongada nos vetos:
é um sentimento me alheio a todo o ambiente;
meus versos estão completamente cheios
do teu veneno forte, invencível e fluente.

Faz-te trazer em mim, adquiri-os, tornei-os,
o modo subtil, o teu gesto indolente.

Faz-te trazer em mim mandei-me aos teus colosse,
minha lativa, nervosa e rubida serpente.

Tua veneno letal torna-me os olhos baços,
e alma pura que trago e que te repudia,
contínuamente anseia esquivar-me aos teus laços.

Tua veneno letal torna-me o corpo lague,
tua encenação longa, lenta, macia,
e subir e a descer, no cuso do meu sangue.

IMPRESSOES DO LUAR

Onde a praia deserta e no alto a Luta cheia,
o calado pendia, o oceano, calmoguia
sua, na arul, no solo e em quanto me rodeia,
de levadas de gaze e alvuras de camburá.

... e essa branca, fofa e gélida esta aveia!
e parve luar porfirando a praia.

... que, fróxto, indeciso, o meu passo vagueia,
ponto o oceano espumoso e um luar líquido espira,

... tristezas do céu somente a Luta empina,
vive a luar, a noite é arul, de lado a lado;

... no ar um cheiro manoso e meloso, de cana

... cada mela, é de mel este oceano indolente.

Onde luar, assim branco, é assucar derramado...

... doutra por toda a vastidão do ambiente!

NO CAVALO

Bicho e heróico, agitando as veludosas crinas,
bicho drago animal tem a sofreguidão
... infinito — o infinito hauras pelas partidas —
e sem suas obter, buscas fugir do chão.

Dominio-le, entrelamio, é tu que me dominas.
é um desejo que espera a humana direção
e tua alma, e, transpondo os valos e as crimpas,
meu sentimento e o teu se comprendendo vão.

Altas o movimento, o perigo, as distâncias:
meigo, sentimental, tem arrojadas ancas,

em suas veias corre um fervido calor.

Quando em tuo corpo forte o frágil corpo aprumo
eu me sinti disposta a lançar-me sem rumo,
à conquistas da Glória e às conquistas do Amor!

IMPRESSOES DO GESTO

(A tua bailadeira)

A tua dança indefinida,
que me retém extática, surpresa,
guarda em si resumida
a harmonia orquestral da natureza,
a euritmia da Vida.

Danças...
teus leitos
movimentos
lembram-me o despertar preguiçoso das frances
a exécra dos Ventos.

Danças...
teu corpo tem
tôdas as nuances
de onda que vai e vem...
Danças... é um movimento ininterrupto e insano
pôr no teu ser divinamente humano
palpitações de oceano.

Danças... nas atitudes que era assumes,
a tua forma delicada, esguia,
sobr, espirala, rodopias,
e se estira... a desliza...
tua ente o olfato e o olhar
a minha sensação que se torna imprecisa,
pôr, ou teu corpo ora se vaporiza
ou com certeza todos os perfumes
não se vieram corporificar.

Danças... ligera como te aprumas,
como te elevas das coxas rásas,
teu enfeixas novas plumas,
teu frágil ser é uma saudade de azus.
Danças e cuido que estas voando,
pois tôda em vôos te transfigura,
teus membros lembram aves em bando
no aírculo das alturas.

Danças... teus gestos são carícias mansas.
a tua dança é um tato vago,
é o próprio tao dedilhando
na melodia do afago...
Danças, e fico, a quando e quando,
preta de gosto singular;
e sonho que me estás acilando,
e sinto em todo o corpo o teu gesto passar.

Danças... seu ser é a imagem da Harmonia,
acórdia nele, para meus sentidos,
a alma de todos os ruídos.
Danças... e enquanto meu olhar te copia,
ouvem em meu ouvidos
uma nova, uma estranha sinfonia...
ora encilhando, ora alongando os braços,
da tua própria carnacão arranca
invocidades brancas
musicalizando o silêncio dos espaços.

Danças... e toda te espreguiças,
e vais ficando parada...
não se movem teus membros, mas, em cada
linha, tens attitudes novedosas;
teu corpo é a dança marmorizada,
quando o quedas assim, por um momento.
observa nesse meu olhar atento
das curvas e balsas.

Danças, os membros novamente agitam,
todo teu ser parece-me tomado
por convulsões de dores infinitas...
e desse trágico crescendo
de gestos que enchem o silêncio de ar.
vaze

... morzendo, descendo,
como que por ensanto,
preta de um místico quebranto...
danças e cuido estar em ti me vendo.

Os teus meninos
são
chilos
dos meus anelos;
a tua dança é a exteriorização
de tudo quanto é sinto;
minha imaginação
e meu instinto
movem-se nela alternadamente:
minha volupia, vejo-a torço, no ar.
sensibiliza a quietude do ambiente,
ora a cissar, ora a mingoa,
numa flexosidade de serpente,
e a se enredar.

E tu dança agitada ou calma,
cheia de adejos, de tremuras, de estremos,
materializa-se minha alma,
pôs nos teus rostros leves, qual estereos,
meu contímpio os meus gestos interiores,
meus prazeres, meus êdios, minha dores!

Não dances mais, que importa, oh! bailadeira linda!
a tua dança para mim é infinida,
vejo-me nela, tenho-a dentro em mim,
constantemente assim!

Nos meus gestos retidos vive prezada
como na tua dança extraordinária,
toda a expressão múltipla e variada
da Natureza.

No malo alto prazer, no mais fundo pesar,
ativa esteja, esteja embora langue,
tenho-e na loucura do meu sangue
para o Bem, para o Mal, a bailar, a bailar...

SAMBA

Mexendo com as ancas,
batendo com os pés,
trementes os seios
os dentes espindo
a todos e a tudo,
brilhantes,
brilhantes,
por dentro dos Mônios,
— crioula ou catuca,
cabocla ou mulata,
mestiça ou imprena —
não te aíng somente quem nunca te viu,
dancando,
nas noites de Jun.,
mulher do Brasil!

Ganzás cascavelam...
ata ulva das culcas,
gorgeiam violões...
e vozes se alongam aos céus,
arrasando,
o dedos arrancam iscorvos ruídos
das peles dos bombos,
das palmas das mãos...

Em meio aos terreiros,
que fauna,
que flora!
— papoulas e garças,
jaguares e lirios,
cipós e serpentes,
orquídeas e rólias,
jasmim, púranquias;
coelhos que enchem,
que são surcius;
olhares que assaltam em botes feroces;
sorrisos que se alam com brancas plumagens;
roupagens que aforam em vividas cores,
cheirando a bananilha, alecrim.

Em meio aos terreiros,
que sustos,
que fugas,
que astúcia,
que heroísmo,
brasileia morena,
em todo o teu corpo,
que minguas,
que cresce,
que sobe,
que desce,
assim desmanchado
num sapateado!

Brasileia morena,
parece que o chão
se move, ao teu samba,
te anela, te busca,
te quer devorar!
Brasileia morena,
que forte atração
exerce em teus membros a terra cui que vicas!

Se dentro o remoinho das farras anágua
se vejo girar,
morena,
eupônio
que estás submerso,
que o solo te absorve,
que vais acabar...

Em meio aos terreiros,
teu vulto mareja,
teu vulto são ondas de ritmos remoços;
ondas errantes de nostalgia,
ondas rebeldes de revolta;
ondas invasoras de conquista,
ondas pensativas de montanhas;
ondas ardentes de río;
ondas ruminadas de carne;
ondas preguiçosa,
ondas precipitadas,
ondas de tentação!

Em meio aos terreiros,
teus membros trigueiros,
têm curvas de gestos
indetermináveis;
curvas que inclinam a pensar
a fundo,
curvas que são da esfera deste mundo
e fazem outro mundo acreditar;
curvas que de tal modo se procuram,
ruivas cheias de tal palpitação,
que vejo em teus quadris descalinhada a Terra
dancando a dança da procreation

Ganzás cascavelam,
ata ulva das culcas,
gorgeiam violões...
e vozes se alongam aos céus,
arrasando,
o dedos arrancam iscorvos ruídos
das peles dos bombos,
das palmas das mãos...

A Vida dos Livros

LIVROS NOVOS

da Silva Mello — *Misterios Recados deste e do outro mundo* — Lívra José Olímpio Editora — VI páginas.

Antônio Geraldo de Carvalho — *Cartas da Faculdade de Direito Gerais em São Paulo* — confeccionada na Faculdade de Direito Minas Gerais — S. Paulo — 1949.

Alvaro Barros — *Discurso* — Outubro, 1949 — 24 e 8 páginas.

Antônio Maurício — *O Soler d'El Capo e Fumel Loguio* — Ilustrado por Ary Duarte — 1949 — Imprensa Nacional, 107 páginas.

Antônio Carlos de Assunção — *O Rio de Sakataia* — Canto lírico em 3 atos e 2 bailados — 56 páginas.

Alberto Carlos de Assunção — *Amor Fúteis e Aquerelas* — São Paulo — 1949 — 211 páginas.

A Carteira de Tisiologia e a Indicação do Prof. Clementino Praga — Publicação da "Resenha Médica" — 1949 — 36 páginas.

Antônio Luiz — *Influência da literatura portuguesa do século XVI no Brasil* — Contribuição para o IV Congresso de História Nacional — São Paulo, 1949 — 58 páginas.

A. E. Estadeno no *Estudo da Bahia* — Reportório Estatístico comemorativo do IV Centenário da Cidade do Salvador — Segunda tiragem (revista) — Rio de Janeiro — Serviço Gráfico do Instituto de Geografia e Estatística — Junho de 1949 — 140 páginas.

Alberto de Serpa — *Retrato e Lendas de Gomes Leal* — Poema — Lívra. Portugal — Porto — 1949 — 14 páginas.

Alberto de Serpa — *Fonte* — Lívra. Tavares Martins — Porto — 1949 — 12 páginas.

Aloysio Alexandre Soares — *Páginas Literárias* — Lívra. Amazônia — Belém do Pará — Brasil — 1949 — 90 páginas.

O Grande Enigma — Comédia em 3 atos e quadros — Lívra. Almeida — Belém do Pará — Brasil — 1949 — 67 páginas.

Américo Jacobina Lacombe — *Borborema e a primeira Constituição Republicana* — Casa de Rui Barbosa — 32 páginas.

Engenharia no Brasil 1.º Congresso Panamericano de Engenharia — Faculdade Brasileira de Engenharia — Rio de Janeiro — Brasil — 1949 — 54 páginas.

Aspectos da Catedral de São Paulo —

Academia Brasileira de Letras — *A Verdade sobre Casimiro de Abreu* — Niterói — Estado do Rio de Janeiro — 1949 — 8 páginas.

Academia Fluminense de Letras — *In Memoriam* de Casimiro de Abreu — Departamento de Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1949.

Carlos Magalhães de Azevedo — *Nova Sétima da Saúde* — Diplomática Editora — Roma — 1949 — 22 páginas.

Casa de Rui Barbosa — Realizações — Ministério da Educação e S. A. — Casa de Rui Barbosa, 1949 — 35 páginas.

Casa de Rui Barbosa — *In Memorian D. Maria Augusta Rui Barbosa* — 1949 — 58 páginas.

Carvalho Neto — *Gumercindo Sessa* — Discurso — Aracaju — Outubro, 1949 — 26 páginas.

Clementino Praga — Discurso de agradecimento na sessão solene de 21 de setembro de 1949, em que lhe foi conferida a "Medalha Corodo Fontes".

Ciro Arno — *Memórias dum Estudante* — 1886 — 1908 — 202 páginas.

David Carneiro — *O Problema da Federatividade Brasileira* — Cadernos da Atualidade — coleção dirigida por Carlos Lacerda — n.º IV — Instituto Progresso Editorial S. A. — São Paulo — 1949 — 64 páginas.

Demócrito de Castro e Silva — *Maciel Pinheiro, Peregrino andar* — Discurso — 1949 — 33 páginas.

Eduardo Corrêa — *O Patrício e a cortesia* — Romance Histórico — Irmanos Pongetti — Editores — Rio de Janeiro, 1949 — 184 páginas.

Eugenio Gomes — *Espejo contra Espelho* — Estudos e Ensaios — Instituto Progresso Editorial S. A. — 1949 — 251 páginas.

Faria Góes Sobrinho — *Educação, Humanismo, Cultura* — Faculdade Nacional de Filosofia — Rio de Janeiro — 1949 — 63 páginas.

Flávia da Silveira Lobo — *Treize Poemas Francos* — Cahier de Poésie — Edições Pongetti — 23 páginas — Rio de Janeiro, 1949.

Flávia da Silveira Lobo — *Flávia e Semicírculos* — Caderno de Poesia — Edições Pongetti — Rio de Janeiro 1949 — 36 páginas.

Gibson Lessa — *Gato e Morcego* — Movimento Editorial Panorama — Belo Horizonte, 1949 — 108 páginas.

Gênésio Pereira Filho — *Rui Barbosa para a Juventude* — Editorial Guanambi — 1949 — 59 páginas.

Hamilton Ella — *Tamandaré* — Poema.

H. G. Weil — *O Alimento dos Deuses* — Romance — Coleção Sarau — 16 — Edição Sarauva — São Paulo, 1949 — 281 páginas.

Henri de Lantueil — *Précis de Littérature — Second Cycle Complet* — Lívra. Francisco Alves, 1949 — 189 páginas.

Haroldo Valadão — *Justiça, Democracia, Paz* — Lívra. José Olímpio Editora — Rio de Janeiro, 1949 — 413 páginas.

Heitor Chaves, de P. E. N. Clube — *Documentos Relativos ao Convênio Italo-Brasileiro* firmado em 8 de outubro de 1948 — 125 páginas.

H. Pereira da Silva — *A Meia- noite* — *Série Literária de Machado de Assis* — Edição — Capa de Luis Gouhart — Editora Aurora — Rio de Janeiro — 127 páginas.

José Jorge — *Histórias — Versos* com um prefácio de Brasil dos Reis — 1949 — 45 páginas.

J. P. Leite Cordeiro — *A Terapêutica da Sifilis desde o Mercúrio até à Penicilina* — São Paulo — 1948 — 49 páginas — São Paulo e a Invasão Holandesa no Brasil — São Paulo, 1949 — 244 páginas.

José Adelaldo Castelo — *Intro- dução, seleção e notas a Gonçalves de Magalhães* — Pequena Biblioteca de Literatura Brasileira — São Paulo — Editora Assunção Ltda. — 1946 — 158 páginas.

Jayne de Altavila — *Conto Ná- tico* — (Versos) — Oficinas Gráficas do Orfanato de S. Domingos — Mangabeiras — Macaé — 1949 — 104 páginas.

João Daniell de Castro — *Essén- cia do Tempo — Poesia* — Prefácio de Barreto Filho — Capa de Abreu Almeida — Rio, 1949 — 96 páginas.

José Pedroso — *Problemas Vi- tais do Estado do Rio* — Departamen- to de Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — Brasil — 1949 — 56 páginas.

Jorge de Lima — *Livro de So- ntar* — 1949 — Livros de Portugal S. A. — Rio de Janeiro — 186 páginas.

João Henrique — *A Internacio- nalização de Jerusalém* — Ministério das Relações Exteriores — Serviço de Publicações — 34 páginas.

José Adelaldo Castello — *Bio- grafia Literária de Araripe Júnior — O Homem e a Época* — (A propósito do centenário do seu nascimento) — Editora "Instituto do Ceará" Limi- tada — 1949 — 22 páginas.

João Pacheco — *Amadeu Ama- ral* — Separata da Revista do Arquivo Municipal, n.º CXCVIII — Depar- tamento de Cultura — Divisão do Arquivo Histórico — São Paulo, 1949 — 35 páginas.

João Daut d'Oliveira — *A Con- ferência de Araxá — Discurso* — Rio de Janeiro 1949 — 26 páginas.

Lago Burnets — *Estrela do Céu perdidão* — Poesia — Capa de Floriano — S. Luís do Maranhão — 1949 — 97 páginas.

Lacerda Nequeira — *Sandão* — de Kleber de Sá Carvalho — *Kleber de Sá Carvalho — Estudo de Hélio de Souza* — separata do volume I da Revista da Academia Fluminense de Letras — Rio de Janeiro, 1949 — de págs. 250 a 272.

Lédo Ivo — *Cinético* — Ilustra- ções de Emeric Marlier — Lívra. José Olímpio Editora — 1949 — 107 páginas.

Manuel Fernandes Nabuco — *Chardista* — Coordenada por Silvinho — Secção de Livros da Empresa Gráfica "O Cruzeiro" S. A. — Rio de Janeiro — Brasil, 1950 — 233 páginas.

Ministério das Relações Exteriores — *Documentos Relativos ao Convênio Italo-Brasileiro* firmado em 8 de outubro de 1948 — 125 páginas.

Maria Laura Moura Mousinho — *Sobre Espaços Projetivos Retorcidos de seu seu sub-espacos* — Rio de Janeiro, 1949 — 17 páginas.

Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros — Gráfica Editora Sousa — Rio de Janeiro — 1949 — Sob a direção de Rubens Borda de Moraes e William Berrien — 295 páginas.

Nilo Brizi — *Cassimiro de Abreu* — Editora Aurora — Rio de Janeiro — Brasil, 1949 — 293 páginas.

Oliveira Ribeiro Neto — *Sol na Montanha* — Lívra. Martins Editora S. A. — São Paulo — 1949 — 90 páginas.

Osório de Aguiar Sousa — *Dis- curso* — Tip. Alois — Piracicaba — 7 páginas.

Pedro Demostenes Rache — *Democra- cia e Matemática* — 1949 — 65 páginas.

Deus e o Amor da Pátria — 1949 — 25 páginas.

Ensaios de Papel Manda — 47 páginas.

Roberto Lôbo — *D. Carola — Ro- mances* — Irmãos Pongetti — Editores — 1949 — 96 páginas.

Raul Machado — *Asas Libertas* — Departamento de Imprensa Nacional — 1950 — Rio de Janeiro, Brasil — 89 páginas.

Renato de Mendonça — *Poema Histórico do Brasil* — Lisboa — 1946 — 178 páginas.

Aldrino Peixoto, o romancista e o crítico Hélder — Coimbra — 1947 — 26 páginas.

Saúde — *Almanaque do S. N. E. S.* — 1950.

Saúde Escolar no Distrito Federal — publicação da Secretaria Geral de Educação e Cultura da P. D. F. — 48 páginas.

Veiga Neto — *Antologia Galvão* — Tomo I — Protagonistas, jornalistas e poetas falecidos — 1938-1944 — 310 páginas.

Wilson W. Rodrigues — *Bahia Nor* — Poemas — Publicitam Editora — Capa de Santa Rosa — 145 páginas.

A. da Silva Melo — *Ministérios e Recidados deste e do outro mundo* — Lívra. José Olímpio Editora — 609 — VI páginas.

Alberto de Serpa — *Fonte* — Lívra. Tavares Martins — Porto — 81 páginas.

Funcionário Nomado para Estágio Probatório Estabilidade — Tribunal Federal Recursos — 18 páginas.

Milton Pedrosa — *Passos Cegos* — Romance — Lívra. Cultura Brasileira Ltda. — Capa de Guignard — 285 páginas.

Anônimo Brasil Portugal — Lívra. Tupá Ltda. — Rio de Janeiro — Ano XXI 1950 — 176 páginas.

Silvio Alves — *Encyclopédia do Chardista* — Coordenada por Silvinho — Secção de Livros da Empresa Gráfica "O Cruzeiro" S. A. — Rio de Janeiro — Brasil, 1950 — 233 páginas.

Alphonse de Guimaraes Filho — *O Irmão* — Poesia — Lívra. Agir Editora — Rio de Janeiro, 1950 — 106 páginas.

Aníbal Martins Alomo — *Extran- gelos no Brasil* — Rio de Janeiro, 1949 — Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil — 466 páginas.

José Maria Belo — *Joaquim Na- bucu e Rui Barbosa* — Duas conferências — Ministério das Relações Exteriores — Serviço de Publicações — Imprensa Nacional, 1949 — 32 páginas.

Athos Damasceno Ferraria — *Jornais Críticos e Numerários de Portó Alegre no Século XIX* — Edição da Lívra. Globo — Portó Alegre — 1944 — 33 páginas.

Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça — *Casos Afins, um estu- dante, apenas* — Conferência lida no Ministério da Educação — Casa do Estudante do Brasil — 19 — Rio de Janeiro, 1950 — 45 páginas.

Castro Soromenho — *Terra Maria — Romance* — Coleção Galvão — Lívra. Editora — Rio de Janeiro — 1949 — 228 páginas.

Comédia — Edição de Natal — 1949.

Combatendo doenças transmis- sivas — Publicação do Serviço Nacional de Informação Sanitária — 1948 — Rio de Janeiro — 28 páginas.

José Honório Rodrigues — *Teo- ria de História do Brasil — Introdução metodológica* — Instituto de Pro- gresso Editorial S. A. — S. Paulo — 356 páginas.

João Camilo de Oliveira Tôrres — *A Libertação do Liberalismo — Política — Coleção Galvão 2 — Lívra. Editora Casa do Estudante do Brasil — Rio de Janeiro, 1947 — 207 páginas.*

Karl Stromenger — *Chôpua para o povo* — Col. Cidadãos do Mundo — Tradução direta do Polônio por Ignacy Sacha — Lívra. Editora Casa do Estudante do Brasil — Rio de Janeiro 1949 — 77 páginas.

Philadelpho Azevedo — *A Ju- gição Internacional* — Ministério das Relações Exteriores — Divisão Cultural — n.º III — Ciclo de Conferências de 1949 — Serviço de Publicações — Imprensa Nacional.

Osvaldo Cordeiro de Farias — *Alguns Aspectos da ação da FEB* — Ministério das Relações Exteriores — Divisão Cultural — n.º IV — Ciclo de Conferências de 1949 — Serviço de Publicações — Imprensa Nacional.

Vasco Arribalo — *Carta Pastoral* — Dom F. de Aquino Corrêa S. S. — Arcebispo de Culha — Testamento do Rio de Janeiro — Brasil — Imprensa Nacional 1949 — 46 páginas.

Álvaro Faria — *A Rota Orvalhada* — (Poesia) — Rio de Janeiro, 1949 — 47 páginas.

Os Louros do Capitólio — Cerimônia realizada em honra do Dr. Fernando Nobre, na sede da Embaixada da Itália, no Rio de Janeiro, a 25 de outubro de 1949 — São Paulo, 1949 — 37 páginas.

A Vida dos Livros

— Antônio Gonçalo de Carvalho — *Rui Barbosa* — Casa de Rui Barbosa — 1949 — 44 páginas.

— Antônio Fernandes — *Nebuco, Cidadão do Recife* — Recife — 1949 — 124 páginas.

— Gabriel Tandelli — *Sangue da Terra — Evocação de Monteiro Lobato* — Poesia — Editora Brasileira Limitada — São Paulo — 1949 — 32 páginas.

— Humberto Bastos — *Rui Barbosa, Ministro da Independência Económica* — Rio — Casa de Rui Barbosa — 1949 — 265 páginas.

— Lacy Schettino — *Rumor de Avas* — Poesia — Instituto Pontetti Editores — Rio de Janeiro — 1949 — 33 páginas.

— Dideraldo Duarte Cox — *O perigo da cidade maravilhosa — Romance* — Capa do autor — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro — 1950 — 232 páginas.

— Antônio Loureiro de Sousa — *Bahianos Ilustres* — 1864-1925 — MCXLIX — (Tip. Benedictina Limitada, Cidade do Salvador) 222 páginas.

— Fontoura, Víncio Massa — *Bumos da Economia Nacional* — Jornal do Comércio — Rodrigues & C. — Av. Rio Branco, 117 — Rio de Janeiro — 1950 — 46 páginas — vários quadros de estatística.

— Lima, Neraldino — *O café no Estado Nacional* — conferência pronunciada, a convite do Instituto Nacional de Ciência Políticas, a 18 de Dezembro de 1949, no "auditorium" da associação Brasileira de Imprensa — Relatório do Departamento Nacional do Café — 1949 — 50 páginas — 1 pág. índice.

— Ribeiro, Adelmo — *Brasil e o Brasil Nacional* — (Relatório do Departamento Administrativo da Presidência da República) — Separata da "Revista do Serviço Público" — Ano VI — Vol. I — N.º 3 abril de 1949 — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1949 — 18 páginas — várias fotografias.

— *Escola Anna Nery* — poem. dem. idem Ano VI — Vol. I — N.º 1, Janeiro de 1949 — idem 31 páginas — idem.

— O Departamento Nacional de Estradas de Ferro — idem, idem, Ano V — Vol. IV — N.º 3 dezembro de 1949 — idem 29 páginas — vários gráficos e fotografias.

— Rohden, Huberto — *Pascal* — o homem que apela do rado para o corado e de Roma para Deus — União Cultural Editores Ltda. Caixa Postal 203-A — São Paulo — 161 páginas inclusive índice.

— Sternberg, Hildegard O'Reilly — Professor da Faculdade Nacional de Filosofia e do Instituto Rio Branco — Encíclicas e movimentos coletivos do solo na refeição do explorador desbravador das terras — Separata da Revista Brasileira de Geografia n.º 2 — Ano XI — Rio de Janeiro — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Conselho Nacional de Geografia — 1949 — 261 páginas — várias fotografias, cartas sinóticas e 1 mapa — resumo em várias línguas.

— Barroso, Gustavo — *As son da viola (Poiclore)* — Nova edição corrigida e aumentada — Rio de Janeiro — 1949, 502 páginas — 3 pág. índice — Departamento de Imprensa Nacional — 1960.

— Cardim, Elmano — *Joaquim Nabuco homem de imprensa* — Conferência pronunciada pelo ... a 19 de setembro de 1949, no Salão da Biblioteca

do Palácio Itamarati — Ministério das Relações Exteriores — Divisão Cultural — Ciclo de Conferências de 1949 — Serviço de publicações — 36 págs. — Departamento de Imprensa Nacional — 1949.

— Carmo, J. A. Pinto do — *Rui Barbosa e o Dom Quixote* — Casa de Rui Barbosa — 1949 — 16 páginas, 8 páginas de documentos fotográficos — Gráfica Olímpica — Rio.

— *Cadernos Dominicanos de Cultura: Ciudad Trujillo — Año VI — Números 72 e 73 — Agosto e Setembro de 1948* — Vol. VI — 66 páginas.

— Etch, Teresinha — *Julgamento na Hora — Ilustrações de Yedda Navarro* — Biblioteca Sápsa de Literatura Infantil — Serviço de Alimentação da Previdência Social — 1949 — 14 páginas — Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

— Fontoura, José Neves da — *Rui Barbosa, orador — Conferência pronunciada pelo Embaixador ... a 31 de outubro de 1949, no Salão da Biblioteca do Palácio Itamarati — Ministério das Relações Exteriores — Divisão Cultural — Ciclo de Conferências de 1949 — Serviço de Publicações* — 68 páginas — Departamento de Imprensa Nacional.

— Henrique, Paulo — *Panorama da História* — Distribuição da Editora Brasileira Ltda. — 1947 — São Paulo — 188 páginas.

— Lima, Alceu Amoroso — obras completas de — XXXIV — *Mensagens do Romeiro* — Rio de Janeiro — Livraria Agir Editora — 1950 — 311 páginas 1 página de índice incluída.

— Montenegro, Olívio — *Um repouso-deus da praia — Conferência proferida na Escola de Engenharia de Petrópolis por ocasião das comemorações do 1.º centenário da revolução portuguesa — 1949 — 84 páginas — Documento Oficial — Recife* — 1949.

— Parreira, Umberto — *A margem do problema alimentar brasileiro — (Tarefas e Realizações do SAPE)* — 1949 — Serviço de Alimentação da Previdência Social (Sapsa) — 124 págs. — 2 páginas de índice.

— Souza, Antônio Loureiro de — do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia — *Bahianos Ilustres* — 1864-1926 — 1949 315 páginas — 2 páginas índice — Fotografias — Tipografia Benedictina Ltda. — Cidade do Salvador — Capa do Irmão Paulo Lachenmayer O. S. B.

— Souza, Odete de Carvalho e — Joaquim Nabuco, Diplomata e Geógrafo — Conferência pronunciada em 10 de agosto de 1949, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — Ministério das Relações Exteriores — Serviço de Publicações — 26 páginas — Departamento de Imprensa Nacional — 1950.

— Souza Junior, Antônio (maior) — *Do Recôncavo aos Guarapés* — 1.º prêmio do Concurso Comemorativo do Tri-Centenário da 2.ª Batalha dos Guarapés — 2.ª Edição — 1.ª Edição (7.500 exemplares diretos referidos a Biblioteca Mário — 233 páginas — 2 páginas de índice — desenhos).

— Roll, Eric — *História das Doctrinas Económicas* — Tradução de Cid Silveira — Biblioteca do Espírito Moderno — Série 3.ª — História e Biografia — Vol. 49 — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1948 — 526 páginas.

— Santos, Artur — *A Conferência de Bopoti* — Discurso pronunciado no Senado Federal, na sessão de 4 de

junho de 1948 — Ministério das Relações Exteriores — Serviço de Publicações — Imprensa Nacional — 23 páginas.

— Sette, Mário — *Terra Pernambucana* — 7.ª edição aumentada — Obra adquirida nas Escolas Públicas e Particulares do Estado de Pernambuco — Desenho de Nestor Silva e fotografias de Oscar Malha — Edita Empresa "Diário da Manhã" S. A. — Recife, 1948 — 197 páginas.

— Sison, S. A. — *Galeria dos Brasileiros Ilustres (Os Contemporâneos)* — Tomos I e II — Biblioteca Histórica Brasileira — Direção de Rubens Boni de Moraes, XVIII — Livraria Martins Editora S. A. São Paulo 1948 — 332 e 350 páginas.

— Soares, Aloisio Alexandre — *Páginas Literárias — Livraria Amazonas* — Belém — Para — Brasil, 1948 — 90 páginas.

— O grande enigma — comédia em três atos e quadros — Livraria Amazonas — Belém — Para — Brasil, 1948.

— Cadernos de artigos do Jornalista A. A. S. — Caderno número 1 — 21 páginas.

— Souza, Tomás Oscar Marques de — A Expedição de 1.581-1.592 e América Vespaqui — IV Congresso de História Nacional — Rio de Janeiro — 1.ª Secção — História Geral — Tese III — com parecer do Professor Damião Peres, refutado pelo autor da tese — São Paulo, 1949 — 38 páginas.

— Teles, Lúcia Fagundes — *O Caco Vermelho — Prêmio Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras — Editora Merito S. A. — Rio de Janeiro — São Paulo* — 1948, 261 páginas.

— Tabuara, Nelson — do P. E. N. Clube do Brasil — *Da Tabuara Arruda-Cer (A encruzilhada nacional)* — P. E. N. Clube do Brasil Editora — Rio, s. d. — 169 páginas.

— Technical Books — Catálogo da editora americana Prentice-Hall, Inc. — 24 páginas.

— Taunay, Visconde de — *Céus e Terras do Brasil — Viagens de Outro Lado — Paisagens Brasileiras — Edições Melhoramentos* — 228 páginas.

— Taunay, Visconde de — *Céus e Terras do Brasil — Viagens de Outro Lado — Paisagens Brasileiras — Edições Melhoramentos* — 228 páginas.

— Torres, Artur de Almeida — Da Academia Fluminense de Letras — *Poetas de Recende* — palestra realizada na Academia Fluminense de Letras, em 26 de novembro de 1948. — Imprensa Estadual — Divisão de Obras Niterói, 1949 — 75 páginas.

— Venâncio Filho, Francisco — *Rio Branco e Esclides da Cunha* — Comissão Preparatória do Centenário do Barão do Rio Branco — Monografias I — Ministério das Relações Exteriores — Imprensa Nacional, 1946 — 78 páginas.

— Viana, Heitor — *Estudos de História Colonial* — Biblioteca Pedagógica Brasileira — Série 5.ª — Brasiliense — Vol. 261 — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1948 — 318 páginas.

— Vilela, Ester de — *Do Casamento* — Livraria Quaresma — Rio de Janeiro, 1948 — 309 páginas.

— Viveiros, Ester de — *Do Casamento* — Livraria Quaresma — Rio de Janeiro — 1948 — 309 páginas.

— Cultura — Ano I — Janeiro — Abril de 1949 — n.º 2 — Ministério da Educação e Saúde — Serviço de Publicações.

— *Revista da Academia Fluminense de Letras* — Vol. 1 — outubro — 1949

— Diários — Ofício do Serviço Nacional de Teatro do Ministério da Educação e Saúde — Ano I — outubro de 1949 — n.º 1.

— Brasil Acucareiro — Órgão do Instituto do Açúcar e do Álcool — Ano XVII — Vol. XXXIII — Junho de 1949 — n.º 6.

— *Idem* — Ano XVII — Vol. XXXIV — setembro de 1949 — n.º 3.

— *Idem* — Ano XVII — Vol. XXXIV — outubro de 1949 — n.º 4.

— Digesto Económico — n.º 51 — agosto de 1949 — ano V.

— n.º 58 — setembro de 1949 — ano V.

— n.º 59 — outubro de 1949 — ano V.

— n.º 60 — novembro de 1949 — ano V.

— n.º 61 — Dezembro de 1949 — ano VI.

— Cronos — Ano I — Julho-Agosto de 1949 — n.º 5.

— Notícias de Portugal — 28 de outubro de 1949 — ano III — n.º 130.

— Guia Quinzenal de la actividad intelectual y artística argentina — año III n.º 53 — segunda quinzena — outubro de 1949.

— Cadernos Dominicanos de Cultura — Ano IV — n.º 45-46 — Maio-Junho de 1947 — volume IV.

Ano IV — n.º 47 — Julho de 1947 — volume IV.

— Cadernos Dominicanos de Cultura — Ano VI, número 11 — Junho de 1949 — Vol. VI.

— Cadernos Dominicanos de Cultura — Ano VI — Número 69 — Maio de 1948. — Vol. VI — 39 páginas.

— Cadernos Dominicanos de Cultura — Ano VI — Número 7 — Junho de 1949 — vol. VI — 47 páginas.

— Itamaraty — Boletim de informações para o Exterior — n.º 45 — 30 de setembro de 1949.

— Itamaraty — Boletim de informações para o Brasil — n.º 5 — 8 de dezembro de 1949.

— Itamaraty — Boletim de informações para o Brasil — n.º 6 — 5 de janeiro de 1950.

— A Casa — n.º 302 — outubro de 1949 — n.º 303 — novembro de 1949.

— L'Italia che arriva — numero 2 — fevereiro de 1949.

— Revista Brasileira de Estatística

— Ano X — abril-junho de 1949 — n.º 28.

— Revista Branca — ano II — 1949 — outubro — novembro — n.º 9.

— Revista da Academia Paulista de Letras — ano XII — 12 de dezembro de 1949 — n.º 48.

— Revista Branca — Bimestral — outubro-novembro — 1949 — ano II — n.º 3.

— Santiago — Informação Cultural Espanhola — Rio de Janeiro — dezembro de 1949 — 20 páginas.

— Santiago — Informação Cultural Espanhola — Janeiro de 1950.

— De Pernambuco a Portugal — Janeiro de 1950.

Academia Fluminense de Letras — A Naturalidade de Casemiro de Abreu e mais folhados, crônicas e matérias de seu biógrafo — Nitro — Instituto do Rio de Janeiro — 1950 — 17 páginas. 1 pág. de índice — diversas fotografias — Jornal do Comércio — Rodrigues & Cia Av. Rio Branco, 111 — Rio de Janeiro — 1950.

A Voz de Londres — Boletim — Boletim — British Broadcast Corporation — n.º 613 e 614 — 10 de junho de 1950 e 12 junho 1950 respectivamente — 4 págs. cada um.

Castro, Alcides de — de l'Academie Brésilienne — *Paroles Françaises au Brésil* — F. Brûlé & Cie — Editeur — 148 págs. — 1 pág. índice sobre d'imprimer le 30 Janvier 1950 sur les presses de l'imprimerie nationale — Rio de Janeiro.

Corrêa, Clóvis Ernesto — *Montanhas — Trovas* — Tipografia Folha-Passeio — 1949 — 16 págs.

Digesto Económico — sob os auspícios da Associação Comercial de São Paulo e da Federação do Comércio do Estado de São Paulo — números 61 e 62 de Janeiro, fevereiro e março, respectivamente — 144 páginas cada — gráfica São José — Rua Gilson Burgo 230 — São Paulo.

Documentos dos Arquivos Portugueses que importam ao Brasil — Segundo de Intercâmbio Luso-Brasileiro do S. I. número 32 — julho 1949 — 46 páginas — composto e impresso na Oficina Gráfica Ltda. — Rua da Oliveira do Carmo 8 — Lisboa.

Falcão, Edgard de Corqueira — *A fundação da Cidade do Salvador em 1549 — Memorial apresentado à Câmara Municipal da Cidade de Salvador em 1949* — 162 páginas incluindo índice — esta obra foi composta e impressa nas oficinas da "Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais", rua Conde de Sarzedas, n.º III — São Paulo, no mês de julho de 1949.

Faría, Paula — Poesia — Rio de Janeiro 1949 — 57 páginas — ... Do amor e da morte — (conto) — Rio de Janeiro 1949 — 64 páginas — Correspondência de Maria Lima — Rio de Janeiro 1949 — 54 páginas — todos impressos por Ind. Gráficas Tavares Ltda. — Rua T de setembro 217 — Rio de Janeiro.

Feder, Dr. Ernst — *Goethe Gesamtwerk — Ansprache zur Feier von Goethes 200. Geburtstag gehalten im Teatro Serrador zu Rio de Janeiro am 29 August 1949* — Dr. Ernst Feder — Edição Gráficos Bloch, S. A. — Rua Praça Canaã, 511 — Rio de Janeiro — 12 páginas — 1 fotografia de Goethe.

Gifoni, O. Carneiro — Instituto Histórico de História da Medicina — Sociedade Paulista de História da Medicina — Associação Brasileira de Historiadores — Pen Clube de Brasil — Sessões da História da Medicina do Brasil — São Paulo 1950 — 34 págs.

Índice Cultural Espanhol — números 47, 48 e 49 correspondentes a 1 de dezembro de 1949, 31 dezembro 1949 (ano IV) e 31 janeiro 1950 (ano V) todos de 96 páginas e um suplemento gráfico — índice na folha de rosto — Dirección general de relaciones culturales — Planos de la Provincia 1 — Madrid — Oficinas Tejedor S. A. — Plaza del Bimbo 4 — Madrid.

Jacques, Paulino — O mandado político na Constituição de 1946 — Rio

A Vida dos Livros

de Janeiro 1950 — 53 páginas — 1 página de índice — Jornal do Comércio — Rodrigues & Cia — Avenida Rio Branco 117 — Rio de Janeiro 1950.

José José — *Histórias* — versos com um prefácio de Brasil dos Reis — 1950 — 16 páginas, 1 página índice — Gráfica Vasconcelos — Rua Cel. Gomes Machado, 199 — Niterói — Estado do Rio.

Luis Manoel — *Páginas de Menos* — Manoel — prefácio de José Oliveira — 1949 — Livraria José Oliveira Editora — Ovidiopolis, 118, Rio — número 104 — São Paulo, 171 páginas, incluindo índice — I bico de pena de Luis Jardim — esse livro foi publicado e impresso nas oficinas da Imprensa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda. São Paulo, para a Livraria José Olímpio Editora, Rio, em dezembro de 1949.

Maurício de — Joaquim Nobre — Estudo psico-biográfico feito para a Academia Fluminense de Letras — 1919 — Livraria José Olímpio Editora — Rua do Ouvidor 139 — Rio de Janeiro — Rua das Guarnições 104 — São Paulo — 48 páginas.

Moniz, José — *O Hamlet de Antônio Nobre* — Separata de Cultura — n.º 3 — 1949 — Ministério da Educação e Saúde — Serviço de Documentação — 177 páginas — 1 fotografia do autor, de Antônio Nobre.

Pintor de — Revista de Cultura — 22.º ano — Setembro-Dezembro de 1949 — número 33-34 — Porto — Portogal — 296 páginas — 1 suplemento — Edições Martírus — Empresa Industrial Gráfica de Porto Ltda. — Rua das Martíris, da Liberdade 178 — Porto — Portugal.

Santos, Mário (Campeiro) — *Sonhos de Túmulo* — Livramento 1949 — O Gabinete da capa é do pintor santista José Amâncio — 78 páginas 1 página índice — Prefácio de Lucídio Britto.

Senna, Caiç. Nelson de — *Jodo Pivariro de Senna* — sua vida — sua obra — seu exemplo — 1880 a 1908 — Belo Horizonte 1947 — 265 páginas — diversas fotografias — terminada a impressão desse livro nas oficinas da Imprensa Oficial de Minas Gerais em 18 de dezembro de 1947.

Silva, Mário M. F. — *Geografia dos Transportes no Brasil* — série A — Biblioteca Geográfica Brasileira — Páginas, n.º 3 — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Conselho Nacional de Geografia — 1949 — Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Rio de Janeiro — Prefácio de José Carlos de Mendes Soares — 270 páginas, 2 páginas índice — 1 página índice das quadras numéricas diversas "otografadas".

Silveira, Alcântara — *Gente da Fazenda* — Editora Assumpção Límina — São Paulo — 267 páginas, 1 página de índice — Empreza Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda. à Rua Conde de Sarzedas, 38, S. Paulo, para a Editora Assumpção Ltda. em dezembro de 1947.

Souza, J. B. Melo e — *Memórias de Quatro Crónicas de saudade* — capa de Carolina Melo e Souza Frick — Ilustrações de Henrique Cavalcante — Editora Aurora Ltda — rua Vinte de Abril, 30 — Rio de Janeiro — 107 páginas — 1949.

Brasiliana Dominicana — boletim informativo da embaixada Dominicana — n.º 4 — Janeiro e Fevereiro de 1950 — 26 e 27.

Revista da Academia Maranhense de Letras — novembro 1948 — volume V — 5. Luís — Maranhão — 98 páginas — 1 fotografia — maio 1949 — volume VI — 98 páginas — 1 página de índice — janeiro 1950 — volume VII — 100 páginas — 1 fotografia — Serviço Imprensa Oficial — 5. Luís — Maranhão.

O CORVO

XIII Tradução de Aurélio de Lacerda

De Poe

Uma vez numa noite tempestuosa, à meia-noite lugubre e trevosa, Eu, cobrecendo, exausto e sonolento, estava a ler velhissimos anais. De um antigo saber hoje esquecido, e cochilava, quando ouvi um ruído. Como de alguém que tivesse batido, a muro, leve, à porta do meu quarto. "Um virilante — murmurou — decretô, está batendo à porta do meu quarto. Deve ser isso, e nada mais".

Além destintamente ainda me lembro! Era no frio, gelido Dezembro; E logo na lareira se apagando encravou o chão de sombras espelhadas. Que viu-se a aurora, ansioso, eu desejava; em vão, nos livros meus, a ler buscava. Algum consolo a máguia em que me achava — a máguia altro da perda de Lenora. A radiante e formosa criatura a quem hoje, nos céus, chamam Lenora.

E nome aqui não terá mal.

E o setoso, outono sussurrar da purpúrea cortina a drapejar Tocou-me arrepiava à alma trazendo uns pavoros estranhos, anormais. Quicendo, então, venceu meu vés alarmo, ergui-me a repetir, para acalmárm-me: "E só alguém que veio visitar-me e bate agora, assim, à minha porta. Alguém noturno visitante, alguém que chegou tarde e bate à minha porta.

E' isto só — e nada mais".

Minha alma avism se foi fortalecendo, e pude então dizer, não mais temendo: "Senhor, senhora, quem sejais, perdão, se à tempestade, fora me esperais, Tanta tempo de haver batido! A verdade é que em estais adormecido E que podia mesmo ter ruido falso bater, tão leve, à minha porta. Esse bater tão leve, tão de mim!" — E obri, então, de par em par, a porta:

A levo — e nada mais!

Da pen à porta, o escuro a esquadrihalar, longo tempo fiquei, triste, a pensar, A temer, a notar asembra ali sonhos juntados por mortais... Mas da noite a si mesma perscrutai, nem coisa alguma entre as trevas surgiu, E, num levo suspiro, só se ouvia uma palavrão, um nome, e foi — Lenora! Isto, pensando nela, eu sussurrava; e um eco repetiu depois — Lenora!

Isto sómente, e nada mais.

Então fui à porta, o escuro a esquadrihalar, longo tempo fiquei, triste, a pensar, A temer, a notar asembra ali sonhos juntados por mortais... Mas da noite a si mesma perscrutai, nem coisa alguma entre as trevas surgiu, E, num levo suspiro, só se ouvia uma palavrão, um nome, e foi — Lenora!

Isto sómente, e nada mais.

Entrando no meu quarto novamente, a alma abrigada numa chama ardente Logo outra vez ouvi o tal bater, em pancadas mais fortes, mais brutais. Foi na janela! — exclamo. — Eu bati dizim! Isto é só o furor da ventania Que hate da janela à gelosia. E já voi desvendar esse mistério! Calmo-te agora, coração, sossega, e deixa-me explorar esse mistério!

Isto é o vento, e nada mais!"

Ah! então, a súbito, a janela! E voando, esvoaçando, entrou por ela Um velho Corvo negro, temebroso, abusgual dos tempos ancestrais! Sem me saudar sequer e sem parar, pelo quarto se pôs a esvoaçar, Até que, como um "lord", foi pouso, orgulhoso, num busto alto de Palas Que havia sobre a porta do meu quarto, e, soberbo, no busto alto de Palas Pouso, quedou-se — e nada mais.

Mas sucedeu que, olhando essa ave escura, um sorriso distral minha amargura. Foi engraxado achá-la o porte alto, as soberbas manecas senhorias. "De crista nun embara — entâo murmu — um covarde não é, eu o asseguro. O' vello bicho feio, magro, escuru, escapado das praias de Plutão!... Qual será o teu nome senhorial, lá nas noituras praias de Plutão?..." E o Corvo, disse: "Nunca mais!"

Esbranqui que ave estou, assim houvesse entendido a pergunta, e a respondesse, Embora fôsse uma resposta estranha, aquela proferida em termos tais. Porque ninguém decerto suporia, e acreditar nem mesmo cu oscuraria Que algum mortal pudesse ver um dia um pássaro surgir à sua porta, Um pássaro ou qualquer outro animal, pouso sobre um busto, à sua porta. Tendo por nome "Nunca mais".

Seja, pois, isso o teu deus! — bradei — Ave cu demônio! (e então me levantei, Desvalirado de ór) Reforzo agora a tempestade e as praias infernais! Dei tu um só pena aqui não rest, atestando a mentira que disseste! Fique tu só qual estás quando vieste! Afasta-te, arreda nesse busto! Tira teu bico que me fere o peito e sai dai de cima desse busto!

E o Corvo disse: "Nunca mais!"

Rompa o silêncio e dessa vez me assusta, essa resposta — que era clara e justa.

Como se houvesse evanizado a alma ao proferir tais palavras fatal.

Ficou outono, em plácida postura, e sem mover uma só pena escura.

Até que eu murmur, com amargura: "Outros amigos, quantos, já se foram... Pris' manhã, éste se irá também, como os meus amigos todos que se foram..."

E o Corvo disse: "Nunca mais!"

Rompa o silêncio e dessa vez me assusta, essa resposta — que era clara e justa.

Logo greti uma poltrona e, ali intenso em dedugões filosofais,

Era frente a porta, so busto e o Corvo mudado no plácido veludo,

Fus-me a fantasiar, num vés estudo, a imaginar porque a ave agoureira,

Aquela feia, negra, repulsiva, espectral e grotesca ave agoureira.

Grasnava sempre "Nunca mais".

Mas como olhar o bicho distinha aquele dár sem nome que eu sentia, Logo greti uma poltrona e, ali intenso em dedugões filosofais,

Era frente a porta, so busto e o Corvo mudado no plácido veludo,

Fus-me a fantasiar, num vés estudo, a imaginar porque a ave agoureira,

Aquela feia, negra, repulsiva, espectral e grotesca ave agoureira.

Grasnava sempre "Nunca mais!"

E assim fiquei em sonhos, a clamor, sem nada mais, contudo, acrescentar.

Ave outono, cujo olhos cruéis, fitos em mim, varavam quasi punhas.

E assim fiquei clamando meditando, a cabeça em repouso reclinado.

Sobre o espaldar avulvendo e brando, iluminado pela luz da lâmpada,

Esse espaldar em cuja machiza a cateca querida, a luz da lâmpada.

Não porá ela — riuna mais!

Então o ar foi ficando mais denso, ali no quarto, qual se leve incenso.

Entreviemos uns anjos espirituais — e eu ihes ouvia as paixões celestiais!

"Despraguado! — exclamei. — Dais apiedou-set! Um mensageiro Dêis aqui te trouxe

Esquecimento, paz, alívio, doce a dolorosa perda de Leonora!

Bebe depressa o salutar neptane, e esqueces esqueces a perda de Leonora!"

E o Corvo disse: "Nunca mais!"

"Profeta! — então greti — Ente do mal! Profeta, sejas duende ou animal, Que acaso o Tentador mandou a mim ou que fugido vena dos temporais, E assim chegaste aqui astuto e curioso a este lar de tristezas devastado.

A este mundo de horrores asombroso — agora dize, eu peço, eu te suplico:

Bâsimo se acha, um dia, em Galand? Acha-se, enfim? Oh, dizei eu te suplico!"

E o Corvo disse: "Nunca mais!"

"Profeta! — continuei — Ente do mal! Profeta, sejas duende ou animal! Pele Deus que adoramos, eu e tu, pelas sublimes plagas celestiais! Dize a esta alma que vés sofrendo, assim se elas, no Edim, um dia, há-de, por fia Abrigar novamente um querubim — aquela a quem nos céus chamam Lenora! Se abrigará a excessa criatura a quem hoje nas céus chamam Lenora!"

E o Corvo disse: "Nunca mais!"

"Seja, pois, isso o teu deus! — bradei — Ave cu demônio! (e então me levantei, Desvalirado de ór) Reforzo agora a tempestade e as praias infernais! Dei tu um só pena aqui não rest, atestando a mentira que disseste! Fique tu só qual estás quando vieste! Afasta-te, arreda nesse busto! Tira teu bico que me fere o peito e sai dai de cima desse busto!"

E o Corvo disse: "Nunca mais!"

E nunca mais se foi o Corvo horrendo! Ali o vejo, ali sempre o estou vendo. No busto branco onde pouso, sem desse busto se arredar jamais... E arde um fogo eriel em seu olhar, que lembrá o de um demônio a meditar, E a branda luz da lâmpada a oscilar pôs-lhe a sombra bailando pelo chão E minha alma infia praia a essa sombra, a essa sombra que balia pelo chão. Não há de erguer-se — nunca mais!

(Diário de Notícias, 30 de outubro de 1949).

Um símbolo de Pernambuco

MUCIO LEAO

Mário Sete, que acaba de falecer no Recife, foi, aos meus olhos, desde que eu conueci a ler seus livros, e seus artigos esparsos, uma espécie de símbolo de Pernambuco.

Era um homem doce, amável, discreto, um homem que parecia a modestia em pessoa. Pouco falava de si, de seus trabalhos, de suas méritas. Nunca lhe couvi uma palavra de mácula contra ninguém, uma acusação gratuita, uma perdidela. Tudo isso, essas grandes, essas puras, essas belas virtudes, tornavam-no aquilo que eu sempre suspeitei dele: um autêntico símbolo do espírito pernambucano.

Mas Deus sabe o que eu quero dizer... O que eu quero dizer é que ele era o símbolo de um lado, apenas, do espírito pernambucano. Porque esse espírito é, sem dúvida, duplo. Ele é, às vezes, feito de elevação de pura, de bondade, de generosidade, e é esse o que todos nós estimamos e amamos. E o espírito que está harmoniosamente perpetuado na obra e na vida de Joaquim Nabuco, nas majestosas campanhas dos heróis da Abolição, dos velhos lutadores do Clube do Despacho. E aquele mesmo espírito desprendido e magnifico, que no segundo século do

novo País levou Pernambuco a se insurgir contra os poderosos holandeses; é o espírito que deu os Cangaceiros, os Nunes Machado — tudo o que marcou da época do novo País tem sido instinto de amor à terra natal, bravura, elegância de alma, pureza de coração, desinteresse e heróismo.

O outro lado é, evidentemente, o que torna esse espírito pernambucano detectável. E difere-se na tendéncia a uma sistemática negação a critica a um propósito de tudo negar o indivíduo aqueles que não são da sua afiliação. Barbosa Lima Sobrinho, por exemplo, tem sido uma vítima constante desse segundo aspecto da alma pernambucana. É ele um dos mais elevados dos mais cultos, dos mais bem intencionados administradores entre quantos no Brasil exercem ou têm exercido uma participação de poder. Seria uma honra para qualquer Estado das quais compõem a grande nação do norte do nosso continente possuir um leader com os atributos que ornam o apelido, o apônito, o testemunho dos pernambucanos: a um chefe da talas qualidades! Que vejam, nôs, entretanto? Vemos grupos de pernambucanos — e muitos deles de respeitável representação intelectual — aterrados a um propósito de sistemática

negação em torno do governador do seu Estado... E levam isso a extremos que os aproximam da querilhade, sendo da indigência do espírito. Basta considerar certos fatos que temos acompanhado nos últimos tempos. Um sertanejo nos remotos setentas pernambucanos, indispõe-se com outro, e de arreio com as velhas rádios da alma local, pronta a tirar as facadas, o adversário. Isso basta para que um deputado federal suba a tribuna da Câmara, e claras, no Painel, exalte o Coração de Pernambuco! — Um jornalista no curso de uma reportagem sobre o jogo, leva uma surra de um sujeito que havia sido vítima de uma das suas gravíssimas acusações. Isso basta também para que outro deputado suba à sua impetuosa tribuna, e faça acusações a Barbosa Lima Sobrinho, como conviente em tal surra.

Ei, como se vê, uma inclemência maliciosa. E é, de resto, a continuada daquele mesmo espírito de combate e negação que tornou impossível a Oliveira Lima o modesto anelito de morte em Pernambuco.

Mário Sete (creio que já agora não há razão para segredos) ia provavelmente receber este ano o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras. Era o seu, pelo menos, o nome que aparecia frequentemente em todas as conversas sobre o assunto. O destino não quis que ele recebesse essa alegria, e levou-o três meses antes de lhe ser votada a expressiva consagração.

Fosse como fosse. Ele bem conhecia os sentimentos de apreço e afeto que os acadêmicos brasileiros tinham por sua bela figura literária, pela eloqüência e a seriedade de sua obra.

Ele sentia, também, como todos nós sentirmos, que ninguém lhe poderia disputar uma certa excelência e mesmo uma certa glória: a de ser, em seu tempo, o melhor representante do melhor aspecto do espírito de Pernambuco.

HOLLYWOOD À SOMBRA

Leitor, meu irmão,
Pensa na emoção
Que é em Hollywood residir.
Vendo a cada instante
Passar ondulante
Ava Gardner ou Marlene Dietrich!
As ninfas constantes
Destes eus brilhantes
Para mim é um encanto ligeiro
Das searas esquivas
Que correm cativas
Entre os grades de um zoológico.
Aqui é tudo beleza rara
Luxo, riqueza, pé na cara.
Poltronas macias
De Bullock's & Sons
Podendo decorar tua suite,
E as mais belas flores
Juntam seus odores
Ao odor do verão, nem tão suave,
Erguendo o nariz
Verás o Chinese
Um cinema de pompa oriental,
Que à alma brasileira
Lembra soberbaço
O "lixir de Nogueira" natural.
Aqui é tudo bom gosto.
Não pé na cara... pé no resto...

L'INVITATION AU VOYAGE

Vinicius de Moraes

Vai ao Boulevard
Ver o transitar
Das novidades, a cata de festas,
E as Bucks lúteas
Sempre sanguentinas
Com Granfins tirando os grangestos
Em Sunset Strip
Caso não te estripe
Algum Gangster em escena locala,
Podendo no Ciro's
Dares alguns giros
Vendo os astros cair na pandala.
Aqui é tudo N.G.M.
K.R.O., e a terra treme.
Se queres morrer,
Não haja temer
Força! Lávia te dá toda o conforto
Te lava e maquia
Que é uma maravilha:
No final nem parece um morto!
As uñas pintadas.
As faces rosadas

E um sorriso nos lábios de cor,
Tu vendes saúde,
Que, um stipp em Hollywood.
Não é mais um defunto — e um amor!
Porém entremates
Perde-se entre as gentes
E não pares se vires passar
Gala conhecidos
Os punhos roldos,
Ou serrando cerveja num bar.
Medita na glória,
Nessa, e não na Glória
Suponha, de volta no cartaz,
Mas nas Carol Landis
Pequenas e grandes
Que tomaram champagne demais.
Aqui tudo só darling, honey!
Mas na hora mesmo, que se dane!
Leitor, meu cupido
Pensa na pechincha
Que é comprares milhôes de aparatôs:

Fogões, geladeiras,
Máximas, torradeiras!
E até umas que te levam os pratos!
Mas depois, trabalha.
Que tudo escancinha,
E por elas sem fim pegarão
O trinco a manilha
E o rádio de milha.
Aos agentes da free enterprise,
Tudo é "Ninety Days Guarantee".
Mais, descorridos, ai de ti!
Mas se o que tu queres,
Homem, é ver mulheres,
Então tona depressa o avião
E vem, porque as ditas
Além de bonitas
Representam o dobro em extensão
Por toda Hollywood,
Muitas, e amuadas.
Portadoras de encantos sem conta.
Elas vão e vêm
A espera de alguém:
Que as descubra e lhes dé uma pauta.
Aqui é tudo horizontal,
Metido, debilito, dorsal...

Sombra, setembro de 1940.

Os Estados da República e a Academia

Rodolfo Garcia, falecido o ano passado, era um dos dois escritores mais grandiosos do norte que pertencem à Academia Brasileira de Letras: o outro é o Sr. Peregrino Júnior. É curioso submergir a posição que cada Estado ocupa, hoje, na Casa de Machado de Assis. A relação da natureza destes 49 acadêmicos atuais é seguinte:

- Paraíba, 1 — o Sr. Osvaldo Orício;
- Maranhão, 1 — o Sr. Víriato Correia;
- Ceará, 1 — o Sr. Gustavo Barroso;
- Rio Grande do Norte, 1 — o Sr. Peregrino Júnior;
- Pernambuco, 8 — os Srs. Adelmar Teixeira, A. Andrade, A. Carneiro Leão, Barbosa Lima Sobrinho, Celso Vieira, Manoel Bandeira, Mário Leão e Olímpio Mariano;
- Sergipe, 1 — o Sr. Antônio Freire;
- Bahia, 3 — os Srs. Clementino França, Olácio Mangabeira e Pedro Calmon;
- Estado da Rio, 4 — os Srs. Ataíde de Paiva, Léon Carneiro, Oliveira Vaino, e Elmano Cardim;

— Distrito Federal, 7 — os Srs. Alciso de Castro, Alceu Amoroso Lima, Luís Edmundo, Magalhães de Azevedo, Miguel Osório de Almeida, Rodrigue Otávio Filho e Poqueta Pinto;

- São Paulo, 6 — os Srs. Cassiano Ricardo, Cícero de Souza, Gutierrez de Almeida, J. C. de Macedo Soares, Menotti del Picchia, Ribeiro Couto;
- Minas Gerais, 2 — os Srs. Hélio Lobo e Afonso Peixoto Júnior;
- Mato Grosso, 1 — o Sr. D. Aquino Corrêa;
- Santa Catarina, 1 — o Sr. Antônio de Tauvay;
- Rio Grande do Sul, 3 — os Srs. Getúlio Vargas, Júlio Neves da Fontoura e Vieira Meoy.

Como se vê, não se encontram representados, na imortalidade acadêmica o Acre e Amazonas, o Piauí (que já teve um — Félix Pacheco), Pará (que já teve um — A. J. Pereira da Silva), Alagoas (que já teve dois — Gaúmardes Passos e Goulart de Andrade), Espírito Santo, Paraná (que já teve, também, dois — Emílio de Menezes e Rocha Pousão) e Goiás.

Um romance da miseria

Didermando Cox — que, como escritor, já se tornara conhecido do público, com a publicação de um livro pitoresco e gracioso sobre a fiscalização do consumo no Brasil — araba agora de estrelar-se em outro gênero. Achou de esticar-se no mais difícil dos gêneros literários, no romance. Trata-se do aparecimento do livro intitulado *Os Fárias da Cidade Maravilhosa*. É um romance, mas é um romance-documento, o que poderiamos chamar uma vasta reportagem, oferecida ao leitor em forma de novela.

No exercício de sua atividade de fiscal do consumo, vive Didermando Cox ocasião de visitar uma favela, uma dessas vilas concentradas em que se agremia a população mais pobre e desvalida do Rio de Janeiro, um desses vários e vastos refúgios da miséria, que pululam na cidade... Interessou-se por aquela pobre gente, conviveu com a dor e o sofrimento que ali desencorajava, ou, apenas, lobrigava. E seu romance fixou assim como se fosse

um brado de angústia, um grito, um protesto, um apelo, em favor daquela gente.

Didermando Cox não recua diante das cruzas nem das violências, que naturalmente enchem o seu assunto. Diz tudo o que têm para dizer, conta tudo o que tem para contar — e com uma nudez de estilo perfeita. Isso equivale a dizer que ele é um naturalista, um mordom, dignatário, da saudoso Adolfo Caminha, e cru escultor do Bom Cristo.

A nosso ver, *Os Fárias da Cidade Maravilhosa* é um romance que deveria ser lido e meditado por todos aqueles que no Rio de Janeiro têm responsabilidades oficiais, sejam estas de natureza policial, sanitária, ou meramente urbanísticas.

Porque esse romance é, em suas duzentas e tantas páginas, um eloquente, pavuroso testemunho contra a indiferença com que na capital da República todos vemos cada dia agravar-se o problema da pobreza e da miséria...

SIMÕES BARBOSA

Pernambuco acaba de perder um dos seus filhos mais ilustres: o dr. Simões Barbosa. Era médico, dono, nos seus bons tempos, de uma clínica enorme, que não o trocaria por nenhum outro facultativo do mundo...

Era também professor — professor da Faculdade de Direito, professor da Faculdade de Medicina. E foi, durante anos e em várias ocasiões, político de real prestígio em sua terra.

Tudo isso foi o velho Simões Barbosa, que acaba agora de falecer no Recife, com 90 anos de idade.

Mas de todas as atividades que ele teve em vida a que vai ficar lembrada

sempre, nas tradições do Recife, é a do bom médico, a de médico caridoso e humanitário. Simões Barbosa era, com efeito, um desses médicos suaves e confortadores, capazes de consolar os infelizes e os enfermos, com o simples sorriso amigo que lhes dava. Ele era um desses doutores cuja simples presença é cabecinha de um doente já vale como que um começo de cura,

Faleceu em março último, e podemos dizer que deixa uma saudade sem fim em todos aqueles que o conheciam, em todos aqueles que foram seus clientes ou seus amigos.

GALERIA SOTERO COSME



N.º 5 Retrato de mulher